

MARGARIDA DIAS NEVES TAVARES

O CONTRIBUTO DO MÚSICO ILDO LOBO NA DIVULGAÇÃO DA CULTURA CABO-VERDIANA



Licenciatura em Estudos Cabo-verdianos e Portugueses

ISE, Julho de 2007

MARGARIDA DIAS NEVES TAVARES

**O CONTRIBUTO DO MÚSICO ILDO LOBO NA DIVULGAÇÃO DA
CULTURA CABO-VERDIANA**

Trabalho científico apresentado no ISE para obtenção do grau de licenciatura em
Estudos cabo-verdianos e portugueses, sob orientação do
Dr. José Maria Semedo

O Júri:

Praia, aos _____ de _____ de 2007

Dedicatória

O presente trabalho de fim de Curso em estudos Cabo-Verdianos e Portugueses, no Instituto Superior da Educação – ISE – 2007, orientado pelo professor Dr. José Maria Semedo, para ele uma palavra de gratidão desmesurável, pela sua disponibilidade, apoio e incentivo, aprimora-se o instante em que torna-se imperioso, alguns agradecimentos:

Ao público Cabo-Verdiano, letrados e não letrados, cuja mundividência temos vindo a partilhar em espaços de lazer, cultura e sobretudo de intelectualidade, o nosso imenso obrigado.

A todos os amigos que autorizaram a reprodução de ilustrações, nos cederam fotografias originais, nos disponibilizaram a respectiva biblioteca, bem como livros, publicações e jornais, ou ainda colaboram na realização material deste trabalho. De entre esses, um especial destaque para Chindo do Bairro Craveiro Lopes, o editor Fernando Rui Tavares Ortet, pela oferta da Revista *Praia Santa Maria*, da Câmara Municipal da Praia, bastante apetrechada em termos de informações culturais.

À malograda «Marina Vaz», minha mãe, matrona do grupo do mesmo nome, responsável pelos inúmeros solilóquios presentes durante toda essa caminhada, isto tendo em conta a visão do mundo na perspectiva platónica, pois acredito firmemente que a minha mãe, de onde quer que ela esteja, sempre há-de olhar por mim.

Ao meu marido, pelo apoio incondicional e pela cega dedicação que me tem prestado em todos os momentos, sobretudo nos mais difíceis, que não foram poucos no decorrer desses cinco longos anos, as palavras de agradecimentos não chegam, a ele, o pilar da minha existência, responsável por eu estar viva neste momento, um obrigado do tamanho do mundo que é quanto mede o seu coração.

Aos meus filhos, Luís Amílcar e Hélio Miguel, pelo tamanho amor, encorajamento, colaboração e acima de tudo, pela compreensão inestimável que têm demonstrado ao longo deste tempo.

Aos meus irmãos, sobretudo Felismina e Orlando, pelo carinho e companheirismo, pela dedicação e amabilidade, prestados durante todo este percurso.

Aos meus sobrinhos Mia e Filomena, pela preocupação, paciência e sobretudo pela tamanha colaboração prestada.

“Sempre disse que tinha grande respeito
E reconhecimento para com um povo
Que me legou três coisas importantes:
Uma Língua,
Uma História
E uma Cultura.”

Manuel Veiga

ÍNDICE

DEDICATÓRIA	4
INTRODUÇÃO	8
CAPÍTULO 1	10
ILDO LOBO, MÚSICO CABO-VERDIANO	
1 ENQUADRAMENTO DO MÚSICO NO CONTEXTO CABO-VERDIANO	10
2 VIDA E OBRA	13
CAPÍTULO II	15
CONTEXTUALIZAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DA MÚSICA COMO AGENTE TRANSMISSORA DA CULTURA	
2 – ABORDAGEM TEÓRICA SOBRE A MÚSICA COMO ELEMENTO CULTURAL.....	16
2.1 – O SIGNIFICADO DA MÚSICA PARA ILDO LOBO.....	20
2. 2- ANÁLISE LITERÁRIA DE ALGUMAS COMPOSIÇÕES INTERPRETADAS PELO MÚSICO ILDO LOBO.....	23
2. 3- IMPACTO DE ILDO LOBO NA MÚSICA CABO-VERDIANA	31
CAPÍTULO III.....	34
AS FACETAS DE ILDO LOBO	34
3.1 - A ESPECIFICIDADE DO MÚSICO	37
3. 1. 2 - INTÉRPRETE	40
3. 1. 3 – SOLO.....	41
CAPÍTULO IV	48
O CONTRIBUTO DO MÚSICO NA CULTURA CABO-VERDIANA.....	48
4 – ILDO LOBO, O PATRIMÓNIO DA CULTURA CABO-VERDIANA	50
4.1 – OS VALORES TRADICIONAIS RETRACTADOS NAS SUAS INTERPRETAÇÕES.....	53
4. 2- RELAÇÃO HOMEM – MEIO EM ILDO LOBO	56
4.3 – O MÚSICO E AS HOMENAGENS	59
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	62
BIBLIOGRAFIA	66
ANEXOS – 1.....	69
ALGUMAS COMPOSIÇÕES INTERPRETADAS POR ILDO LOBO.....	69
ANEXO – 2.....	79

FOTOGRAFIAS DO MÚSICO AO LONGO DA CARREIRA.....	79
--	-----------

Introdução

O presente trabalho de fim de curso que tem como tema: “*O contributo do músico Ildo Lobo na divulgação da cultura cabo-verdiana*”, vem no sentido de não só cumprir as obrigações curriculares, no que tange à obtenção do grau de licenciado, como também realizar um sonho de há muito, uma vez que com o desaparecimento físico da minha mãe, pessoa bastante apreciada no seio da cultura cabo-verdiana, começou a despertar-se em mim uma certa curiosidade, relativamente ao mistério da morte e da sua aceitabilidade ou não no seio da sociedade. A partir de então, aproveitando-me do espírito inovador e criativo que sempre me acompanhou e com o intuito de contribuir e prestar o meu tributo à cultura cabo-verdiana, com a devida vénia, começou a emanar em mim, a intenção de trabalhar um tema desta natureza. Deste modo, o que aqui se faz presente, não só é o cumprimento de mais uma etapa da formação, mas sobretudo a concretização de um sonho.

Contudo, a escolha do tema «*O contributo do músico Ildo Lobo na divulgação da cultura cabo-verdiana*» deve-se a dois factores essenciais: o anseio por um conhecimento mais aprofundado sobre a cultura cabo-verdiana, cuja curiosidade foi despertada pela cativante e interessante cadeira do mesmo nome, que tivemos no decorrer da nossa formação e a autenticidade, a originalidade que a mesma oferece, por exemplo, através das composições interpretadas, da miscigenação, da língua, enfim, dos elementos culturais.

Considerando a sociedade cabo-verdiana, nas suas práticas sociais, linguísticas e sobretudo culturais, fruto da miscigenação e da diferença de classe, achamos merecido um especial destaque para autores compositores, intérpretes que vivenciaram desde há muito tempo, acontecimentos culturais nacionais de maior relevância. É neste sentido que aqui se torna foco da nossa análise o músico cabo-verdiano Ildo Lobo.

Com este trabalho não se pretende fazer uma reflexão acabada sobre a música, mas uma pesquisa inicial, requisito preciso para obtenção do grau de licenciado, em estudos Cabo-Verdianos e Portugueses, dada a carência de documentos coesos sobre a referida matéria e as dificuldades de informações necessárias, durante a pesquisa.

Entretanto, com este tema pretendemos valorizar o músico em si, analisar algumas composições interpretadas por ele, com o intuito de deixar patente a ideologia do músico em estudo, no âmbito da queda dos valores morais dos nossos avós e hoje, a nível mundial, fala-se da crise e da mudança de valores em todas as áreas da actividade humana.

Consideramos o tema de extrema importância porque é actual, abrangente, e, no nosso entender, norteador da sociedade, em especial a massa juvenil que tendem a enveredar pelo campo da música. Com essa afirmação pretendemos demonstrar que uma elevada percentagem da população cabo-verdiana vive para a música e que a mesma tem estado a desempenhar um papel educativo, uma vez que visa uma formação integral do indivíduo, dentro da sua época, ajudando-o a ter um espírito crítico, tomando consciência de si, e a integrá-lo no mundo que o rodeia, fazendo com que o mesmo respeite a si próprio e respeite o outro.

É nesse sentido que o presente trabalho encontra-se estruturado em quatro capítulos, onde no primeiro capítulo iremos fazer o enquadramento do músico, sem deixar de apresentar a vida e obra do mesmo;

No capítulo seguinte, denominado de contextualização e caracterização da música como agente transmissora da cultura, faremos uma abordagem teórica sobre a música como elemento cultural, tentaremos desvendar o significado da música para Ildo Lobo, analisando literariamente algumas composições interpretadas pelo mesmo, demonstrando desse modo o impacto do intérprete na música cabo-verdiana;

Prosseguindo, chegaremos ao terceiro capítulo, onde iremos elencar as diversas facetas do músico, priorizando a sua dimensão artística do homem no tempo, manifestando a sua especificidade, vendo-o como intérprete, a solo, destacando a serenata e a morna;

Por último patentearemos, no quarto capítulo, o contributo do músico na cultura cabo-verdiana, onde irão ser destacados os seguintes subtítulos: Ildo Lobo, o património da cultura cabo-verdiana, os valores tradicionais retratados nas suas interpretações, relação homem e meio, em Ildo Lobo, o músico e as homenagens.

Após isso, serão apontadas algumas considerações finais, bem como as fontes que nortearam este trabalho e anexos.

CAPITULO – I

1 Enquadramento do Músico no Contexto Cabo-Verdiano

Ildo Lobo enquadrou-se na cultura Cabo-verdiana na tenra idade, aos 14 anos, na década de 60, mais propriamente dita no ano 1967, no início da travessia do deserto da vida, com influência e instinto.

Segundo ele, começou a penetrar num ambiente franco de camaradagem, ao lado de um grupo de amigos da sua geração, no então Externato da ilha do Sal.

Ainda cedo, passa sucessivamente, por alguns agrupamentos no Sal, com destaque, para *Improviso e os Únicos*.

Ele começa a sentir-se homem, na Praia, no momento em que se encontrava agitado emocionalmente, na idade de turbulência, e em contrapartida numa conjuntura musical super favorável que contribuiu para facilitar a sua rápida inserção no contexto musical praiense, ao lado de teias de amigos, a despeito de alguma timidez oriunda da ilha natal.

A partir daí, o mesmo deixa de ser um santo homem, muito católico, frequentador da Igreja, para passar a possuir o estatuto de parodiante.

No tocante ao campo musical, Ildo integra na *Africa Show* como vocalista, e pouco tempo depois, faz grandes sucessos, não só porque ficou a ser conhecido, mas também porque passou a ser o preferido, na medida em que tocava todos os ritmos, começando pela morna, a cumbia até a coladeira. Deste modo, em 1973, é convidado por Luís Lobo, o primo, a se integrar n' *Os Tubarões*, conjunto musical situado na Praia, em 1969, data do desfecho desse agrupamento, no qual desempenhou o papel de vocalista.

Após a entrada oficial na banda *Os Tubarões*, Ildo começou a levar a música a sério, e destacou no grupo, transformando assim, num curto espaço do tempo, numa das maiores vozes do arquipélago e defensor acérrimo, da preservação da morna e da Cabo-Verdianidade.

No que concerne a ampla produção discográfica de *Os Tubarões* cerca de oito discos e CDs de alta qualidade, a partir de 1976, servem para atestarem, por si só, o nível que o conjunto vinha ganhando paulatinamente, quer no plano nacional, quer no plano internacional, a ponto de conquistar os corações dos Cabo-verdianos dispersos na diáspora e convertendo-se, por isso mesmo, numa grande instituição nacional ao lado do gigante “Voz de Cabo-Verde”.

A margem de *Os Tubarões*, logo após à Independência Nacional, na década de 70, Ildo ingressa no grupo musical acústico *Nova Aurora*.

Por volta de 1975, foi um militante activo da causa da libertação nacional, no qual demonstrava através da intervenção musical.

Ildo Lobo é músico por hereditariedade, porque herdou do pai a familiaridade com a música, o canto espontâneo, o timbre amplo da voz.

Foi na metade do sec. XX, na fase da adolescência, que ele começou a brincar de artista, a cantar em grupos de rapazes sintonizados com os recentes sucessos dos “Beatles”.

Em 1973, desempenhou a função de vocalista no grupo *Os Tubarões*, e é aí que tem início a trajectória musical que fez de Ildo Lobo o nome mais que incontornável na música Cabo-Verdiana do sec. XX.

O músico em questão, enquadra-se na década de setenta, isto porque ele cantou a independência centrada na música “*Labanta braço bu grita bu liberdade*”, música de caris político, revolucionário.

Partindo do pressuposto que Cabo-Verde sofreu na pele as agruras do colonialismo, apesar do flagelo não ter sido tão agravante como em outros países da África, nos quais foram arrancados e desenraizados inúmeros seres humanos, aqui realizou-se uma peculiar fusão de culturas. É nesta óptica que o malogrado Ildo conseguiu enquadrar-se no campo musical, cantando com a alma de bom cantor, travando lutas incessantes na sua área, desde os momentos mais alienantes do país, até então.

É com base na afirmação acima, que enquadramos o músico Ildo Lobo na literatura Cabo-Verdiana nos anos 40, mais especificamente no ano 36, na corrente literária «*Claridosa*» que tem como ideal “*fincar os pés na terra mãe*”, no chão da realidade cultural cabo-verdiana e trazendo como amostragem algumas composições escritas em crioulo que o mesmo teve a ousadia de interpretá-las.

O malogrado, na década de setenta ousou interpretar a composição «*Ami 6 óne na Tarrafal*» representando deste modo «*um espécime que pelo protótipo que configura resistira ao tempo. Não obstante a repressão colonial e a politica*»¹. Ainda neste âmbito,

¹ Cultura, Revista de estudos cabo-verdianos, Setembro de 2001

importa salientar que o músico se enquadra, em termos musicais, nesta década, porque foi a partir dos anos 70 que tudo mudou de figura.

Segundo Eutrópio Lima da Cruz no excerto, «*Em 1956 cria-se o PAIGC e em 1963 desencadeia-se a luta armada de libertação nacional que durando até 1974, usaria amplamente a força vinculadora e mobilizadora da música, como um arsenal de reportório adequando forma de mobilização e denúncia, formação e veiculação de ideias e ideários*»²

² Cultura, Revista de estudos cabo-verdianos, Setembro de 2001, a música e a resistência cultural, pag. 194

2 - Vida e Obra

Ildo Neves Silva de Sousa Lobo, nasceu a 25 de Novembro de 1957, em Pedra de Lume, na Ilha do Sal – Cabo-Verde, no seio de uma família modesta reconhecida, sobretudo pela vocação musical.

Foi baptizado e crismado na sua aldeia natal. Paulatinamente, foi transformando-se em “menino de Igreja”, alto praticante do catolicismo, sobretudo na infância.

Desde nascença, até 1964 viveu em Pedra de Lume na companhia da Mãe, Rosa Ana e da avó Ana Maria e o companheiro Pedro Catarina, “Avô de criação”, fez o ensino primário nesta ilha, com o professor Carlos Ribeiro “Cai” e seguidamente frequentou o curso de admissão no liceu Externato do Aeroporto do Sal, na Lomba Branca (Espargos).

No ano de 1965, no mês de Julho, Ildo presta as provas de admissão ao liceu nos Espargos e sai com sucesso. Seguidamente, ele passou a viver nos Espargos na companhia do pai Antoninho Lobo. Ildo acompanhou o Pai na mudança para a localidade de Mouro do Curral, e passam a habitar numa casa própria na companhia da madrasta Maria Túlia, afim de continuar os estudos.

Este convive serenamente com o pai e acaba por ver um grande ídolo, uma fonte inspiradora, um conselheiro, afável, uma estrela, uma luz que serviu para guiar o seu caminho. Isto contribui, de certa forma, para levar o filho a traçar o percurso identitário e a trajectória artística, partindo das marcas hereditárias.

Ele frequentou o 1º. Ano liceal no Cinema do Clube do Aeroporto, com alguns explicadores tais como: Vitorino Chantre e Luís Olavo. Frequentou o 2º. Ano em 1966, no Externato, no qual destacou como óptimo aluno, sobretudo nas disciplinas de Matemática e Física e em simultâneo aprendia os primeiros acordes de violão, com Nhelas Spencer.

O mesmo começou a penetrar no campo da música aos 14 anos, a título de brincadeiras, num ambiente franco de camaradagem juntamente com um grupo de amigos da mesma era no externato e ao mesmo tempo revelava-se nele uma outra faceta, “*actor de teatro*”.

Ildo não se estreia no palco como músico, mas sim como cómico, no cinema de Espargos, no qual apresenta uma peça intitulada “*Estória do Riso e do choro*”.

Ainda cedo, passa gradualmente por alguns agrupamentos musicais no sal, destacando os “*Únicos e o Improviso*”. Ele apaixona-se pelo seu país, guarda em especial gratas recordações do Sal, e dos familiares próximos do universo dos amigos desde a infância até a actualidade

Em 1970, Ildo concluiu o quinto ano Liceal em São Vicente que antes frequentara no Externato do Sal, em seguida toma o rumo para Praia a fim de começar o 6º ano liceal, e prosseguir nos estudos.

Na Praia – capital do país, inicialmente instala-se na casa do tio paterno, Pedro de Sousa Lobo; seguidamente transfere a residência para a casa de um outro tio paterno, Joaquim de Sousa Lobo, que mais tarde viria a tornar-se seu sogro. A partir de então, vive no Plateau, na Rua República, actual Rua 5 de Julho, porta N.º 54, juntando-se aos primos Pedro e Luís, vivendo num ambiente de solidariedade intra-familiar.

Em 1971, a sua mãe envereda pela emigração rumo a Itália, momento em que o mesmo começa a sentir-se homem e a formar a sua personalidade. Ildo transformou-se, de um bom estudante da ilha do Sal para um bom parodiante.

Matriculado no Liceu Adriano Moreira, pratica futebol, desempenhando a função de guarda-redes, numa equipa liceal.

Efectivamente, em 1973, Luís Lobo convida o primo a integrar nos Tubarões, conjunto musical criado, na Praia, em 1969, onde continua, como vocalista, até 1995, data da desagregação do grupo.

À margem de *Os Tubarões*, ao mesmo chega a integrar, logo após à elevação do Arquipélago à independência nacional, no ano de 1975, o grupo musical acústico Nova Aurora, constituído ainda por Luís Morais, Manel d’Novas, Chico Serra, Artur Gomes, Vitorino Silva, Humbertona e Pomba.

No seio puramente familiar centrado no amor fraterno e enérgico ambiente acolhedor da casa do tio Joaquim, na Praia, Ildo, estabelece relações amorosas com a prima Luísa, volvidos oito meses de enamoramento, casam-se a 23 de Junho de 1976, mais tarde, tiveram três filhos: a Luisilda, o Ildinho (Ildo Lobo Júnior) e a Marina.

CAPITULO II

Contextualização e caracterização da música como agente transmissora da cultura

A música, desde o início da sua história, foi considerada como uma prática cultural e humana. O povo cabo-verdiano, por sua vez, tem demonstrado exaustivamente, que essa prática é verdadeira, isto na medida em que a cultura sempre foi, e continua sendo, o cartão de visitas para qualquer cidadão ou candidato a visitante, à Cabo Verde.

É de salientar que, a cultura cabo-verdiana está presente nas composições, nos autores, no modo de vestir, de alimentar, de falar, enfim, na miscigenação. Pois, é no contexto da busca do homem cabo-verdiano que o regionalismo ascende, contribuindo deste modo, para que haja um certo relacionamento entre o meio natural e o meio social.

É neste âmbito que se faz presente o seguinte trabalho cujo tema é «*O contributo do músico Ildo Lobo na divulgação da cultura cabo-verdiana*», pois a nossa pretensão é não só evidenciar até que ponto a cultura cabo-verdiana encontra-se inserida no íntimo de cada cabo-verdiano, dando um especial enfoque àqueles que melhor souberam divulgar a cultura nacional – falamos por exemplo, do malogrado músico cabo-verdiano, Ildo Neves Silva de Sousa Lobo, que muito fez para que hoje seja popularmente aceitado como um marco na cultura cabo-verdiana, como também levar os cidadãos cabo-verdianos residentes e na diáspora a interessarem-se cada vez mais pela cultura, revelando as suas criatividade, e incitar os amantes da música a redescobrirem o potencial e as possibilidades de conquista que fazem parte do globo cultural.

O músico supracitado usou e abusou da música cabo-verdiana, caracterizando-a tanto pela denúncia social, quanto pela amabilidade, política, historicidade e pelo tradicionalismo cabo-verdiano. Tudo isso, contribuiu em larga escala, para a divulgação da cultura cabo-verdiana, algo que constitui o nosso objecto de estudo, isto na pessoa de Ildo Lobo.

2 – Abordagem teórica sobre a música como elemento cultural

A música desde o início da sua evolução histórica, foi considerada uma prática cultural e humana. Provavelmente fruto da observação dos sons da natureza, contribuindo assim, para despertar nos homens a ansiedade de praticá-la.

É difícil definir o conceito de música porque, por um lado é intuitivamente conhecida por qualquer ser racional e por outro lado, é difícil encontrar uma definição que abranja todos os significados da prática musical. Vale a pena referir que *“a musica mais do que qualquer manifestação humana abarca o tempo e o som, que devem ser a base, para a não definição da mesma, pois a medida que se processa a sua busca, ela vai modificando e transformando-se”*³.

A maior dificuldade na transformação da música, tem sido a utilização do termo na descrição de todas as actividades e elementos relacionados aos sons organizados.

Um dos consensos relativo à música é que ela consiste na combinação de sons e de silêncios que se desenvolvem ao longo do tempo, englobando toda a conjunção de elementos sonoros destinados a serem percebidos pela audição, incluindo variações nas características do som que podem ocorrer sequencialmente ou simultaneamente.

Para desertarmos sobre a abordagem teórica da música como elemento cultural temos a necessidade impreterível de recorrer a Musicologia isto é ao estudo científico da música.

A musicologia tem por função o estudo da música do ponto de vista histórico e antropológico, e pode até ser tomado como historiador da música. Ainda é usada para estudar a notação, instrumento, e teoria musical, métodos didácticos, acústicos e a fisiologia aplicada a técnica dos instrumentos e suas evoluções. Para entendermos a história da música é necessária entender-mos os aspectos sociais da respectiva época.

*«A música enquanto elemento da indústria cultural e de lazer, relaciona-se naturalmente com outras manifestações e com outros meios de produção das mesma.»*⁴

Recorrendo aos primórdios da música em Cabo-verde, vale a pena ver que a mesma vem ganhando significativamente espaço próprio sobretudo ao longo do século XX, momento em que a sua indústria deu largos passos centrados nos anúncios da tecnologia.

³ Musica, origem: Wikipedia, a enciclopedia livre

⁴ A música de Cabo-Verde pela imprensa do longo do século XX

Partindo do título do capítulo – II é de salientar os primeiros discos de música Cabo-Verdiana foram publicados a 11 de Julho de 1931, sob os seguintes títulos:

- * Mornas de Cabo-Verde
- * Mal de amor (morna) Cidade de Mindelo (polka)
- * Ribeira Bota (morna) Souvenir dum Carnaval (polka)

Estas representam as primeiras gravações de música Cabo-Verdiana a chegar as ilhas

A música de Cabo-Verde começa a ser gravado em Portugal no início da década de 50 tendo destacado com pioneiros: Fernando Queijos e os irmãos Silva Djuta e Adolfo

Por volta dos anos 50 para os 60 foram feitas em Cabo-Verde, no, estúdios, da Rádio gravações de música que vieram a ser editados em discos fabricados na Europa.

Partindo do texto «Partituras e lectos – alguns apontamentos» a autor da mesma demonstra que a música popular Cabo-Verdiana sempre foi interpretada de forma deturpada quer a nível das letras quer a da música, facto natural visto, tratar-se de um trabalho feito num contexto de oralidade e em que a liberdade de criação desdenha argumentos ortodoxos.

Os elementos culturais europeus que influenciam a música cabo-verdiana, não precisariam de se defender na perspectiva da resistência cultural como tema foi gozarem de estatuto ascendente enquanto proveniente de potências dominadores. À luz dessa afirmação, pode-se verificar que a morna serviu para marca a tonalidade musical bem definida, já elaborada géneros como sistema, elemento predominante nos géneros cabo-verdianos.

No tocante a influências africanas, vale a pena esforçarmos pela identificação dinâmica em Cabo Verde de sinais constante da música Oeste -africana. Para isso tentaremos respingar alguns elementos pertinentes, num leque despretensioso e sem aprofundamento.

Primeiramente, Cabo Verde sofreu na pele as agruras do colonialismo, apesar de que aqui o flagelo não foi catastrófica como no continente africano, no qual foram arrancados e desenraizados os stock humanos, aqui deu-se apenas uma peculiar fusão de culturas, dado que no início da formação dessa sociedade,

Os negros – escravos eram majoritários e conseguiram consolidar os elementos configuradores da nacionalidade Cabo-Verdiana partindo da ascendência do mulato, criando o seu próprio mundo, deste modo as coisas complicar-se-iam.

Segundo Eutrópio Lima da Cruz, num excerto de Revista Kultural, sob título “A musica e a resistência cultural”, afirma:

“ Como no continente, nas ilhas não existe a musica para e apenas enquanto gozo estético, à maioria de que existia nas cortes e nos paços europeus excepção será

*Eventualmente constituída pela nossa música instrumental, os solos que ganharam sua máxima expressão com Luiz Rendall e se autonomizaram como género, existe sim entre nós a música ritual, e sem finalizado nalgumas intenção.”*⁵

Ainda na mesma linha de ideias, o referido autor destaca dois géneros musicais a saber:

*“O Batuque e a finaçon, derivados de antigas tradições africanas de canções de trabalho, de desafio nelas tendo pela certa os seus ascendentes directos enquanto métrica musical, ritmo e emanação filosófica – sapiencial – proverbial do pensamento e da reflexão, com finalidade sobretudo parenéticas e nobilitantes vida, isso alias acontecera, já na tradição bíblica, em que usos médios – orientais; acabamos por encontrar algo muito similar nas desgarras dos portuguesas.”*⁶

Analisando os excertos supracitados, podemos afirmar que na musica das ilhas, encontramos um dos maiores elementos prevalentes que é o ritmo que tem por função regulação e coordenação na perspectiva de força vital e espiritual do homem capaz de influir nas coisas e ordenar os fluxos na força-febre do devir.

Nas ilhas de cabo verde a musica não se isola do contexto sócio - dramático e respectivos conflitos, temendo a perda do seu sentido no todo ou em parte, mas pelo contrario situam-se nessa zona as maiores valências da sua capacidade expressiva quanto interventivo. A nossa música apela a todas as faculdade do homem das ilhas, abarcando os apelos linguísticos.

Segundo Manuel Veiga a musica tem sido o grande laboratório e o grande cenário no qual a afirmação e a dignificação da língua Cabo-verdiana se registem com mais relevância.

Ela possui uma história que remonta aos primórdios da formação da nossa sociedade e por um lado representa um dos aspectos mais dinâmico da criatividade e da idiossincrasia do povo Cabo-Verdiano e por outro lado um dos factores mais fortes da unidade nacional.

⁵ Cultura, Revista de estudos cabo-verdianos, Setembro de 2001

⁶ idem

É de salientar que pela música cantamos, exortamos, criticamos, divertimo-nos ensinamos partindo do suporte, do pilar grandioso a língua Cabo-Verdiana, que é usada por pessoas rica ou pobre, letrados ou iletrados, residente ou emigrante, citadino ou camponês, criança ou adulto onde todos se comungam reconhecem no mesmo universo musical.

Como é obvio pode-se constatar que a musica esta presente no nosso quotidiano e abrange o batuque o funaná, a morna ou a coladeira, o colá S. jon ou a corcutison, os contos cantados ao os ritmos da tabanca onde os Cabo-Verdianos souberam testemunhar não só pela riqueza melódica criada mais também pela autonomia da gramática crioula que serviu de guia de veiculo e de instrumento de transmissão da mesma.

A música interpretada no nosso seio trata-se de um dos elementos da nossa idiossincrasia, tanto no ritmo, no conteúdo como também no suporte linguístico que a enforma e forma.

A música no contexto cabo-verdiano é ainda um elemento cultural que mais contribuiu para levar Cabo-Verde ao mundo suportada nas asas do seu ritmo na voz dos seus interpretes e no barco de uma gramática com função de transporta-la e dar-lhe o sentido.

A música cabo-verdiana corresponde ao símbolo da resistência e da reconstrução nacional e esta intimamente ligada a língua crioulo, são considerados irmãos gémeos que serve para lhe dar o corpo, lutando contra os martírios, os flagelos que os Cabo-Verdianos foram submetidos desde a escravatura, do regime colonial, criticou e aconselhou «poder» de todas as Republicas vigentes no nosso pais, realizou campanhas contra e a favor dos eleitorados divertiu, consolou e mais, animou as pessoas de todas as faixas etárias, ligou e aproximou os emigrantes à terra, deu pão a muita gente, que passou a usa-la como meio de sobrevivência isto é foi transformada em industria.

A música desde os tempos remotos tem funcionado como meio de divulgação da nossa cultura, deste modo, foi capaz de levar o nosso mundo as outras fronteiras, outras culturas, contribuindo assim para que os outros mundos possam nos conhecer, nos respeitar, nos amar. Entretanto, analisando a outra face da moeda, poderemos ver que a música Cabo-Verdiana é o que é, sobretudo pelo uso da língua materna – o crioulo.

Em suma, a música Cabo-Verdiana é digna e rica tal como a língua do povo das ilhas.

2.1 – O significado da música para Ildo Lobo

Ildo, cantor de grande estripe emocional, canto espontâneo, timbre amplo da voz que na adolescência brincava de artista, a cantar em grupos de rapazes sintonizados com os recentes sucessos dos “*Beatles*”, por imperativo de justiça e dever de consciência permitiam-se nesse âmbito realçar o nome do prestigiado músico considerado, no passado, hoje e sempre, uma das pedras basilares do famoso conjunto “*Os Tubarões*” é sem dúvida uma referência obrigatória e incontornável do actual cenário Cabo-Verdiano.

Achamos que o significado da música para esse intérprete de ampla dimensão, é relevante porque entrou no piloro da música na tenra idade e conseguiu trilhar sempre com sucesso no seio de deferentes gerações, onde soube compor um irrevocável louvor a música que é um símbolo de Cabo-Verde, um cartão de visita. O nosso malogrado Ildo Lobo, soube usar os ritmos da tradição musical crioula, abraçar a causa da cultura do seu país, revelar os novos talentos que, através das suas gravações deram a música Cabo-Verdiana alguns dos seus clássicos. Embora tendo participado, inicialmente num grupo sem maiores pretensões que animar bailes nos bares populares da praia.

Este transformou-se num ícone na fase da independência de C.V, 1975, ampliando assim pelos anos seguintes, abarcando toda uma geração de Cabo-Verdianos na euforia da construção do país.

Sendo músico, conseguiu exaltar a nação Cabo-Verdiana através da entoação das composições que coadunavam com a época vigente. Pois, pode-se constatar que este participou na reconstrução nacional do seu país, cantando músicas concernentes à liberdade, as alegrias e aos dramas de uma sociedade em evolução.

A música é relevante para o intérprete, na medida em que teve a honra de produzir um C.D intitulado *Nós Morna*, que dedica a memória do pai, sem temer perante a monotonia que a mesma podia causar, isto porque o músico adorava este género musical.

Prosseguindo, pode-se verificar o nível do significado que a música tinha para Ildo, sobretudo num álbum onde se encontra uma composição intitulada «*Nha fidjo matcho, obi nha consedjo*», donde extraímos a seguinte estrofe, afim de melhor compreendermos o que atrás se afirmou: *Ca bu abri boca pa bu canta*

Si bu erdal bu debi negal

Si ca di bo ca bu crial

Analisando esta estrofe, pode-se deduzir a intenção do compositor, que pelas suas letras deixa transparecer *«O homem que dedicou a sua vida ao canto parece renegá-lo magoado, na letra de nha Testamento em (Nós Morna), por outro lado rejeita a amargura e a saudade do que não passou de sonho – M'cré ligria d'um vida vivide / Embailode n'ondas di distino...»*⁷

Cantar trata-se de um dom que pode ser pessoal ou herdado, por isso, o mesmo não fugiu à norma, visto ter sido cantor por hereditariedade.

De acordo com o testemunho do doutor Arnaldo França:

“Foi na década de trinta, um passado que hoje parece longínquo, que os passos boémios de Antoninho Lobo começaram a calcorrear o chão do arquipélago e a sua voz acordava nos povoados dispersos os corpos cansados de servidão do dia.

Marinheiro a bordo de um veleiro (Antoninho Lobo teve as profissões mais dispare), raros cantores Cabo-Verdianos tiveram, como ele, o privilégio de se familiarizarem com o ambiente dos mais diversos recantos das nossas ilhas: ‘Já fiz serenata em todas as ilhas de Cabo Verde’, costumava ele dizer:

Emparceirando as virtualidades da morna ao samba brasileiro, Antoninho

*Lobo deixou a memória de uma vida plena que a pobreza do meio nem sequer permitiu que ficasse gravada nas 78 rotações dos velhos gramofones mas que a voz do seu filho, Ildo Lobo, trás de novo ao nosso convívio em duas amostras dos mais celebrados êxitos do seu pai.”*⁸

Em virtude da transcrição, pode-se constatar que o título confere situação em questão, pois temos o excerto testemunhal de uma das identidades que já tem prestado o seu tributo a este país como professor, escritor, poeta e estudioso da literatura Cabo-Verdiana.

Fazer serenata é interpretar morna que corresponde a um percurso que passa pelos locais, pelos protagonistas, poetas e músicos, pelos instrumentos. Inicialmente a morna era tocada nos salões. Mais tarde viria para «a porta da casa, para os quintais» e tocado ao violão, violino e cavaquinho. A princípio foi cantada principalmente por mulheres e paulatinamente foi ganhando a dimensão e passou a ser interpretada por homens, nos botequins e nos bares de «passa sabe».

⁷ Info: harmonia@cvtelecom.cv

⁸ Álbum Nós Morna

Ildo, filho de músico, soube entoar a morna que é sem dúvida, a manifestação mais abrangente da identidade cabo-verdiana, sobretudo quando entoada na língua materna.

Esta música assume aspectos particulares de acordo com as feições de determinadas ilhas. Nestas adquire aspectos individuais de acordo com o sofrimento de cada ser frente a vivências únicas e pessoais, quanto ao amor, a separação, a carência de ordem material a luta pela sobrevivência.

Baseado nestes leques de feições, Ildo seleccionou o amor paterno, a separação eterna e acabou por gravar um CD a solo intitulado «Nós Morna» dedicado ao pai, no qual teve a preocupação de coleccionar mornas de compositores excelentes.

O músico foi tratado como poeta, pois isto confere a sua grande dimensão no campo musical. Pois ele apropriou-se desta vertente desde a tenra idade até meio século, fim da sua estadia terrena. Cantou nos espaços algures; representou e representará a coluna vertebral indústria musical cabo-verdiana, isto leva a crer que a música para ele é tudo e é sagrada.

Ele soube utilizar a música em todas as situações de vida; nos bares, nos cortejos fúnebres, nas homenagens, nas serenatas, etc.

Ao realizar um périplo por alguns espaços dentro e fora do país, vasculhando brevemente, pode-se descobrir que o músico palmilhou uma longa caminhada.

Ildo Lobo no “*pós-independência*” tentou demonstrar que a sua estrutura interna estava intimamente ligada a sua estrutura externa, sobretudo no que concerne a faceta musical, marcando-a por temas fortemente tratados e politizados, reinante num período bem caracterizado por alguns conjuntos, composições actualizadas, realizações de saraus culturais constituídos por batuque e funaná, com o intuito de revalorizar e elevar a cultura cabo-verdiana.

Em virtude desta situação, verifica-se uma certa queda, ou seja, um período de estagnação, pois, segundo o jornal *Voz do Povo* desapareceram vários grupos, os músicos pelas peripécias da vida dispersaram, havia escassez de instrumentos electrónicos e «grande falta de música de cabo verde».

2. 2- Análise literária de algumas composições interpretadas pelo músico Ildo Lobo

A demissão artística do Ildo Lobo não se circunscreve somente na execução vocal, o seu prato forte, mas também baseia-se na realização de algumas composições das quais mornas de algum nível a saber Zebra, e Nhá Testamento ‘‘o seu 1º. Disco a solo’’, Ildo Lobo assumiu plenamente a sua condição de intérprete vocal sem esquecer que compôs de forma modesta.

A partir daí, passa-se a apresentar análises literárias de algumas composições interpretadas por Ildo, que usou e abusou da musica Cabo-Verdiana, manipulando tanto como veículo da denúncia social, quanto, política, quanto pela demonstração da historicidade, do tradicionalismo Cabo-Verdiano.

Assim temos:

- Altu kutelo Simbrom

No alto kutelo simbrom ja ka tem

Já seca

Raiz sticado jobi agu ka aja

Agu sta funu e omi ka tral

Mudjer um simana se lumi ka sendi

Se fidjo na strada so um ta trabadja

Pa dozi mire

Marido já dura ki bai pa Lisboa

Kontratadu

Pa bai pa Lisboa é bendi se terra

Pa metadi de preçu

Ali el ta trabaja na juba na bentu

Na friu

Na kuf na lisnavi e na J. Pimenta

Kontratadu

Mon di obra baratu pa mas ki trabadja

Servinti

Mon di obra baratu barraka sem luz

Komida a força

Inda mas ingandu ku si irmon

Branku

Exploradu...

Renato Cardoso

A composição em análise é da autoria de Renato Cardoso – escritor Cabo-Verdiano.

O assunto do poema é uma crítica social feita ao governo Cabo-Verdiano da época.

Nesta composição o autor descreve a situação do Cabo-Verdiano no país e na diáspora.

O poema em si descreve o flagelo da seca «Altu kutelu simbrom já ka tem já seca»

, as suas causas e consequências, e seguidamente fala da emigração que surgiu desde o tempo da pesca da baleia e serviu para ajudar a remediar o mal «Maridu dja dura ki bai pa

Lisboa kontratado»; «Na Kuf na Lisnavi e na J. Pimenta», isto é, os males das secas, com as suas consequências.

O sujeito poético demonstra o seu estado de espírito para com os seus patriotas, sofrendo profundamente, lamentando a não intervenção do governo nos problemas sociais.

O sujeito poético fez a composição centrada numa das árvores mais resistentes à secura «Simbrom», isto leva a crer que a seca é demasiada, porque segundo algumas expressões da composição, o «simbrom» já tinha procurado a água em alta profundidade, embora sem sucessos.

A fome – também se encontra retratada no poema, pois, a partir do verso «Mudjer um simana se lumi ka sendi na kasa», pode-se verificar que o assunto / conteúdo do poema é puramente a crítica social em que o governo é satirisado pela não participação nos assuntos sociais em especial á vida dos emigrantes e a situação da família aqui metida em trabalhos duros, com baixos rendimentos para saciar a fome.

Ildo teve coragem de interpretar essa letra que tinha muito a ver com a realidade social de Cabo Verde época (década de 80), propriamente 1975, por isso servirá de referência que este intérprete soube valorizar a sua potencialidade.

Serafim

(Manuel Faustino)

ʼM lavanta log ced, ʼm pó pé na tchon

ʼM bai pa cais acostavel, trabaia na vapor

Boina na cabeça, calça ratchode na joeie

Camisa sem boton, pa gatchá geada

Capataz falá, oje ca tem lugar

Bai bó bem dia quinze, trabai na paquete

Sangue fervem na veia, coração salta

ʼM tchora , ʼm tchora, póme ca ptal na mar

Onte ʼm ca janta, inda ʼm ca matá injum

ʼM tem dezassete tston e mei na fuxin

Ki ca ta da nem, póme bibe póme esqcé

Serefim tem quinze one, ta parcé el tem dez

El sei d´casa diazá, nuca más el volta

Nha Joninha vrá dôde, sei na mundo ta spial

Dpós el consolá, el conformá també

Sé caxôte díngraxa, ta da dinhêr pa cinema

Conde tá sobejá, el tá dormi má xanda

Pa um ora de datarde, el tá bá pa cortel

Cmé cmida q´sobrá e quês ca ptá fóra

Él ta fma sé falcã, el tá jgá sé porrinha
 Té dnotinha, se parçé, plissa el tá fgi
 Pa banda de M'tiota, Fortim tcham d'lícrim
 Ó el tá bá pa cinema, oiá um fita cólquer

Nunca el detá num cama, nem el bá pa escola
 El tá chocá na plurim, el bá dós vez

P', albergue ma el pude, fgi dalá
 El tem reiva d'egen rique, plissa má estrangêr també

Nhas gent, ess lí'né vida. Assim é pior q'bitche na tchequêr
 È ora d'lavanta cabeça e de pó abuse na sé lugar
 Sé pa vivé assim, ta morre tude ora
 Morre duma vez ta lutá pa vida
 Contra fome e dzempreg, injustiça.miséria,
 Contra sploraçon, contra oportunismo

Esta música da autoria de Manuel Faustino, é de Caris acentuadamente social. Pois, o assunto nela retractado leva-nos a crer que o sujeito poético através desta, deixou bem visível as condições da época em que se vivia, descrevendo a trajectória do protagonista, da sua labuta diária, e resume tudo isto dizendo que já é hora de levantar de travar lutas contra fome, desemprego, injustiça, miséria, e finaliza dizendo contra exploração, contra oportunismo;

Partindo do assunto da música, nota-se que o intérprete teve a tamanha coragem para interpretar a letra deste tipo, desmascaradamente.

A primeira estrofe do poema indicia a situação económica de Serafim, que tem como exemplificativos versos como «Boina na cabeça, calça ratchode na joeie / camisa sem boton pa gatcha geada».

O compositor retrata com a própria sensibilidade, o indivíduo inserido no seu respectivo contexto social, protagonizando papel específico. Mas o seu mundo preferido é o dos «gentes de pé descalço» na sua ambiência económica e sentimental.

Neste poema, a adolescência é o ponto forte da sua ideologia, onde vê-se muitos serafins de boina na cabeça, calça rasgada, camisa sem botão.

Serrafin – é a canção que melhor ilustra a situação de adolescentes, filhos de mulheres sós e que enveredam por caminhos jamais percorridos no âmbito da educação e integração dos filhos.

Nesta canção, o essencial para o intérprete é trazer a tona, denunciar os assuntos que vêm contribuindo para o pouco desenvolvimento da adolescência da época;

É de salientar que as situações sociais do contexto Cabo-Verdiano convertem-se em situações típicas que o poeta expressa através de determinados signos como: fome, miséria, exploração, melancolia e solidão.

O intérprete que entoou esta canção é muito cuidadoso e sobretudo corajoso, por isso selecciona temas que para além de proporcionar o prazer da sua voz evidencia o cidadão atento ao social, o artista profundamente comprometido com o seu trabalho e a responsabilidade que assumiu ao longo da carreira face à cultura de Cabo-Verde.

Ildo Lobo na sua gravação a solo (Incondicional) revela essa faceta e enriquece a música crioula, servido de modelo aos intérpretes vindouros.

Nha Fidjo Matcho

Nha fidjo matcho obi nha consedjo

Ca bu abri boca pa bu canta

Si bu canta ou si bu toca

Mudjer bonita ta dabu na tchon

Mim condenado três bez

Nha garganta que matam

Nha violão que rumo

Boca de povo é nha destino

Si bu erdal bu debé negal si ca di bó ca bu crial

Si bu crial el ta spadja

Mudjer bonita ta dabu na tchon .

A composição “*Nha fidjo matcho*” é da autoria do Ildo lobo e faz parte do álbum Incondicional que é um grande trabalho e comunga dos mesmos ideários do Intelectual. Analisando a primeira estrofe da composição, nota-se que o autor apelou aos músicos, dando conselhos que não deviam cantar sem reflectir, uma vez que qualquer ser humano que cante ou toque, deixando marcas relevantes no meio social acaba por ser perseguido pelas mulheres bonitas. Com isso o músico /compositor chamou atenção aos colegas da mesma fileira que cantar também é um acto de grande responsabilidade, que pode levar os músicos a dois extremos (positivo / negativo). Na segunda quadra este continua a chamar atenção dos outros companheiros da luta, da indústria musical, serviu para arrastá-lo à morte. Disse ainda mais, que o seu violão serviu para traçar-lhe o rumo e o mesmo constatou que a boca do povo serviu para traçar o seu destino, isto porque se for bom cantor será louvado, prendado, homenageado e se for o contrário, será criticado menosprezado, rejeitado, excomungado e apedrejado.

Tudo isto leva-nos a acreditar que Ildo foi um músico atento ao social, em especial ao meio onde se encontra inserido, sobretudo na hora de actuar no palco que, segundo o

sociólogo César Monteiro, quando o músico subia ao palco nos primeiros cinco minutos, ficava nervoso, mas a partir de então tudo retornava ao normal

É de salientar que na terceira e última quadra, o compositor disse que se o canto for herdado, deve ser rejeitado e se a composição não for nossa, não devemos recriá-la. Pois, o conteúdo da composição leva-nos a crer que o músico nos últimos dias prestes a partir desta para melhor estava desiludido com a sua principal faceta que o acompanhou desde a sua infância a ponto de renunciar a indústria musical cujo constituía uma das principais matérias primas, originais formadas desde a fecundação a partir dos cromossomas do pai António lobo.

Os músicos cabo-verdianos em geral, talvez pensam da mesma maneira, deixando transparecer a opinião de que não vêm sendo valorizados e que não há investimentos no campo da música.

2. 3 - Impacto de Ildo Lobo na música Cabo-verdiana

Ildo foi considerado por sua Excelência, o Primeiro-Ministro, José Maria Neves, aquando da sua morte, como ‘um Património de Cabo-Verde’, que deve ser preservado e valorizado para que as gerações vindouras, conheçam a história desta grande figura da cultura Cabo-Verdiana. Trata-se de um cantor que possui uma voz melódica, doce embaladora, e distinguia-se dos outros artistas pela elegância, usando sempre traje a rigor.

Este foi considerado o dono da morna, uma das músicas mais belas de Cabo-Verde, mais atraente com traços culturais muito fortes do Cabo-Verdiano.

Ele usou este género musical em larga escala, visto que os artistas refugiam na morna para expressar os seus sentimentos, para comunicar com os outros quando vivem fora do país.

O mesmo foi um cantor que soube cantar o povo das ilhas, colocando a tónica na morna, no âmbito sentimental, lírico, lânguido e dolente.

Ildo enalteceu ainda, aquando do lançamento do álbum *Nos Morna*, a solo contendo mornas seleccionadas, cantada com a alma do cantor, dedicado ao pai, tomando como pano de fundo o aspecto musical como poético.

A figura de Ildo se faz presente sobretudo nas letras de algumas mornas verdadeiras criações poéticas de cariz literárias, linguísticas. Pois, normalmente, são compostas na língua Cabo-Verdiana, deste modo pode-se dizer que a morna é o expoente máximo da criação artística Cabo-Verdiana. Dado ao seu talento como músico, foi considerado como décima primeira ilha de Cabo-Verde.

Era um intérprete vocal, dono de uma voz peculiar, dotado de uma grande sensibilidade e capacidade artística de interpretação musical, capaz de adaptar-se facilmente aos géneros e variantes culturais das ilhas.

Este cantor, segundo Kim Alves, era portador de amplas virtudes e qualidades, representava uma autêntica “biblioteca viva da música”, em Cabo Verde. Patriota e nacionalista, um músico extraordinário, puramente dotado, homem da cultura.

De acordo com pesquisas feitas, Ildo era um homem de causa, deste modo pode dizer-se que foi um artista que conseguiu demonstrar a sua faceta de múltiplas formas, centradas nas

interpretações de carris: sociais, políticos, nacionais. Esta atitude foi uma mais-valia para o cantor que desta via conseguiu conquistar os corações dos seus fãs aqui e na diáspora.

A dimensão artrítica do Ildo era abrangente, dado a existência de inúmeros admiradores de origem diferentes, isto é dos quatro cantos do mundo, apesar de a maioria ser cabo-verdianos os quais não as seguravam só nos seus dotes de cantor, mas também nas suas virtudes cívicas.

Paralelamente à faceta cómica ou humorística, que se adoptava extremamente a ele, feita de forma alegre igual ao seu modo de cantar e de viver, este considerava-se um romântico, um sonhador e apaixonado por tudo o que é belo, seguro, sem sentido utópico, que vivia a sua maneira refugiando-se na música, tanto nos momento de alegria como nos de tristeza.

Segundo José Cutileiro, Ildo visitou muitos grupos cabo-verdianos no estrangeiro. Este disse que Ildo não ia felicitá-los só como cantores, mas também participava nos convívios, deste modo deixou lembranças indeléveis da sua generosidade, do seu calor humano, do seu sentido de humor. Por isso na sua mensagem evidenciou as características do Ildo: *«Uma das pessoas mais puras, humildes e sinceras com quem tive o prazer de privar»*.

Para Manuel Veiga, actual Ministro da Cultura de Cabo-Verde, – Ildo será eternamente reconhecido, e pertencerá para sempre a galeria dos grandes homens da cultura cabo-verdiana.

Para Albertino, filho de um dos músicos já falecido, Biloca, Ildo é considerado um menino grande, um «meninão», dadas as suas virtudes bem potentes; pessoa formidável, de fácil trato, muito afável. Continuando, disse que sendo um homem da música, recordava o Ildo como um artista de grande dimensão, não só como cantor, mas também como compositor e que, com a partida prematura do Ildo, nada seria igual, e que, em especial, a morna tende ao degrado

De acordo com um dos títulos do jornal *A Semana* “*palácio de cultura tem nome e apelido* ” pode-se averiguar a tamanha dimensão do músico em questão. O palácio de cultura recebeu este nome, pela iniciativa do ministro da cultura, Manuel Veiga. Segundo ele, “*é uma forma de mostrar a vontade e o dever de perpetuar o brilho e a visão que ele – Ildo Lobo e os tubarões imprimiram a nossa música “a cultura Cabo-Verdiana”*

Dr. Felisberto Vieira, Presidente da Câmara Municipal da Praia, elogia a iniciativa, dizendo que a mesma deve ser aproveitada para que daqui em diante, se possa promover trabalhos no seio da população, sobretudo na comunidade estudantil, com o intuito de levá-los a continuarem a cantar Ildo Lobo.

O optimismo do palácio de cultura foi uma das inéditas actividades realizadas para homenagear o nosso inesquecível, mas também foram efectuadas outras tais como a célebre recordação do aniversario do Ildo Lobo na mesma época, em que vários músicos Cabo-Verdianos e o português Rui Veloso lançaram o seu álbum póstumo, *Incondicional*, continuando os parabéns ao mesmo, nas flores deitada ao mar no intuito do mesmo as levar ao Ildo.

Importa salientar que antes do espectáculo, a população da ilha onde viu nascer o Ildo, realizou uma marcha ao som da música, colocando deste modo em destaque aquilo que Ildo Lobo fez durante a vida de Espargos á Pedra de Lume.

Homenagens a Ildo Lobo, foi um caso peculiar, invulgar, pois nunca um músico foi tão homenageado como o Ildo, contrapondo deste modo o pensamento do nosso homenageado, que mostrou por várias vezes que era contra homenagens póstumas.

O palácio de cultura na praia, recebendo o nome do Ildo, serviu para destacar mais uma prova de amor dos Cabo-Verdianos, políticos homens e mulheres de cultura e agente comum perseverança da voz impar na interpretação de mornas e coladeiras.

CAPITULO III

As facetas de Ildo Lobo

3 - A dimensão artístico do homem no tempo

Este título desmesurável foi extraído duma palestra proferida da sala de conferência da Biblioteca Nacional – Cidade da Praia – Santiago – Cabo Verde – pelo sociológico e investigador César Monteiro, em 18 de Abril de 2006.

O Sociológico em causa soube dar conta da vida e obra do malogrado Ildo Lobo, sem rodeios, parafraseando e seleccionando os assuntos mais importantes perpassados no decorrer da vida terrena do músico.

Segundo as declarações do mesmo, o gozo do Ildo não estava no palco, embora se sentia confortável, muito bem em pequeno espaço informal; no palco esta preocupação normalmente estabelece uma relação empática e de confiança com o público, apesar de ligeiro nervosismo inicial.

De acordo com César Monteiro um dia Ildo Lobo disse-lhe: *“enquanto começo a cantar no palco, estou sempre nervoso, até a interpretação da segunda musica mas a partir da terceira tudo se normaliza e procuro sempre ser calmo e ganhar, finalmente o publico”*. Considero por isso mesmo importante que, numa actuação pública, o contributo de Ildo Lobo no campo artístico é desmesurável. Deste modo, este músico depois da sua partida desta para o além, recebeu diversos cognomes a saber:

- Defensor da música tradicional Cabo-verdiana,
- Tubarão solitário,
- Um grande profeta,
- O património de Cabo verde,
- Um valor de Cabo verde,
- Homem insubstituível,
- Um hino a música,
- A decima 1^a – ilha de Cabo-Verde

Aquando do lançamento do álbum *Incondicional* na sua ilha natal, na mensagem da jornalista “Constância de Pina, no Jornal a Semana” pode-se constatar que Cabo Verde perdeu uma das suas pérolas, um diamante, uma pedra preciosa, que diagnosticada contém uma voz inconfundível, forte, que assinalou uma época e firmou um estilo peculiar de cantar mornas e coladeiras. Partindo da escolha dos géneros músicas, dos compositores, dos conteúdos musicais, este foi chamado de **defensor da música tradicional Cabo-verdiana**. Ainda ao **músico pode-se atribuir este nome**, visto que o mesmo disse que queria honrar a raiz da música do seu país, sem ser limitado, dado que a música é um acto de liberdade.

Centrado no supra citado, verifica-se que este músico interpretou muitas músicas de caris político como: “lambanta braço”, “5 de Julho” e mais.

O **cognome tubarão solitário** adveio aquando da publicação do seu primeiro trabalho a solo, “*Nos Morna*”, embora face ao seu relacionamento é de observar que este cantor é um homem do mundo que não tem nada de solitário, dado a amplitude da sua comunicação e disponibilidade incessante para tudo e todos, em qualquer das vertentes da vida humana, e por fim acaba por surpreender os fãs e Cabo Verde em si com um álbum inédito, onde espelha a qualidade, a personalidade invulgar, concretizado daí o cognome proferido.

Este cognome também centra em especial na contribuição, da mais-valia de Ildo Lobo na afirmação da cultura de Cabo Verde na sua projecção internacional grandiosa, não só pela tamanha qualidade de músicas registadas em disco no decorrer dos 30 anos, como também pelo factor qualidade que se encontra bem patente como a técnica dominante de todas as suas interpretações.

Ildo Lobo, **um grande profeta:**

O Músico e intérprete Ildo Lobo, foi chamado “*Um grande profeta*” por Ramiro Mendes, um dos colegas da fileira musical. Segundo este, aquele era um grande profeta porque, viera ao mundo para transmitir a sua mensagem como os profetas bíblicos, e cumpriu a missão cabal na base da simplicidade e da sabedoria de quem sabia qual era a sua missão terrena.

Ildo também foi cognomeado de **património de Cabo Verde** por sua excelência, Primeiro-Ministro, José Maria Neves, alegando que a figura, a personalidade e as qualidades do Músico em si devem ser preservados e valorizados para que as gerações futuras possam relembrar sempre desse grande vulto da cultura Cabo-verdiana. Essa definição, estava ligada aos conceitos de monumentos históricos de qualidade artística e de memória colectiva. Assim sendo, nem tudo é possível de ser classificado como património e apenas uma faxada

limitada, aristocrática das realizações humanas recebia as honras de ser perpetuada, que é o caso do nosso malogrado músico.

Segundo César Monteiro – a dimensão do Ildo não estava inscrito apenas na execução vocal. Além disso Ildo assumia descomplexadamente, por inteiro, a sua condição de intérprete vocal, colocando em 2º. Lugar a de compositor, muito grato para com Manuel D’Novas, Pantera ou Betú, que fizeram as composições interpretadas por ele.

Partindo dos dados recolhidos, o mesmo foi considerado uma figura popular, esbelta e emblemático do nosso tempo, um homem desenvolto, irreverente, transversal nas suas relações sociais, reivindicativo, desassombrado, sem papas na língua, incómodo, persistente, voluntarioso, apaixonado e solidário, com a sua voz de um vulcão activo, potente, mas suave e sublime, pela sua personalidade sustentável e pelo seu charme irradiante, contagiando multidões.

Afixando-se na descrição física e psicológica do nosso malogrado a priori podemos atestar que Ildo sob viver a sua vida a sua maneira relacionando com pessoas de todas as idades, de todos os níveis, dispersos pelos becos segundo o próprio Ildo.

3.1 - A especificidade do músico

Ildo Lobo é considerado mais uma lha de Cabo Verde, dado a sua potencialidade, peculiaridade. Isto leva-nos a entender que existe por um lado, um amplo universo de diversidades musicais / e por outro, uma universalização de temas nas composições interpretadas pelo músico, que são comuns, tanto às outras realidades como às cabo-verdianas. E respeitando estas diferenças, estaremos a contribuir para o domínio e o fortalecimento da língua crioula que deve ser considerada como factor da unidade, comunicação e relacionamento entre os povos. Tendo em conta o perfil e a personalidade musical do malogrado, é óbvio que na pesquisa realizada não conseguimos esgotar as informações quanto a especificidade do músico, pois anteriormente num dos capítulos desenvolvidos, constatou-se que o músico é multifacetário.

No que se refere ao músico cabo-verdiano, Ildo tornou possível que houvesse um espaço musical onde a realidade fosse vivida desmascaradamente, isto devido ao facto de o mesmo ter nascido, criado, e vivido numa sociedade, cujo número de músicos é demasiado; no qual um tenta arranjar a sua estratégia de destacar, usando a indagação existencial.

Neste âmbito, pretende-se fazer não só um estudo detalhado da especificidade desse músico, como também desvendar, o comportamento de alguns compositores, que prestaram tributo ao nosso malogrado, doando composições que retratam a realidade Cabo-Verdiana.

Ildo Lobo era um músico extraordinário, dotado da voz, a riqueza melódica das composições, o ritmo, a qualidade lírica e a inteligência dos versos que cantava, servia puramente para os cabo-verdianos pensarem num campo comparativo com a Amália e outras fadistas de Portugal, e nos outros grandes cantores apreciadores musicais em paralelo, tanto a nível popular como a erudita.

Ildo era brincalhão, adorava imitar pessoas com problemas de fonia, ou deficientes motores, praticava o acto imitativo com tanto amor e carinho que ninguém o condenava, deste modo foi gratificante observar a passagem da homenagem feita a um dos elementos pertencente a indústria musical. Ainda no âmbito desta faceta o público nacional e intencional teve a oportunidade de seguir o programa televisivo aquando da homenagem ao Victor B. baterista de profissão, músico por hereditariedade, visto que herdou ao pai, assim como os irmãos Russo, Piduca, no qual o nosso malogrado não conseguiu resistir a tamanha emoção de homenagear, ao amigo e companheiro, acabando por desatar a chorar Ildo Lobo trata-se de

um músico específico, um dos intérpretes Cabo-verdianos natural da ilha do Sal, aquele a quem Kaka Barbosa, um dos colegas da fileira, chamou da décima primeira Ilha de Cabo verde. Um dos mais ilustres músicos de Cabo verde.

Ildo passou singulares aptidões, irradiante poder de comunicação. Ele interpretou com apurmo, na língua materna variantes de todas as ilhas.

A sua vocação musical verificar-se-ia em dois planos: Hereditariedade, e humanidade.

Nas composições analisadas pode-se constatar que o músico interpreta composições em que os sujeitos poéticos trataram-se de temas tais como fome, miséria política, exploração, isto é a situação das ilhas de Cabo verde nos primeiros tempos.

O músico em questões é tão específico e peculiar, visto que percorreu a longa caminhada, desde a infância palmilhou a ilha natal e acabou por chegar a ilha madrastra Santiago, circunscreveu-a descendo a classe pobre e subindo até a elite com o intuito de colher bons resultados e tudo foi em vão, transformando-se num verdadeiro cumpridor do destino sisifo – (os deuses tinham condenado sisifo a empurrar sem descansar um rochedo até ao cume de uma montanha, de onde a pedra caía de novo, em consequência do seu peso)

Considera-se que Ildo Lobo tinha pensado com alguma razão, que não há castigo mais do que o trabalho inútil e sem esperança. Deste modo, teve a preocupação de caracterizar o modo como os músicos são tratados no espaço Cabo-Verdiano.

Para Ildo, os músicos não recebem a recompensa que merecem, por isso detestou sempre homenagem depois da morte. Porém, depois da sua partida, ele foi o músico mais homenageado da nossa era a ponto do palácio da cultura ser baptizado com seu nome.

O músico em análise interpretou letras originais, em crioulo, com o intuito de dignificar a sua personalidade e a sua missão profética, segundo um dos amigos de profissão.

E de salientar ainda que Ildo cantou centrado na base da educação definida pelos técnicos da UNESCO que defendem que a educação tem como objectivo permitir aos Homens e às Mulheres a realização de uma vida útil e feliz, com paz, harmonia, um nível económico e social indispensável ao mundo moderno.

À luz das afirmações acima referidas, e tendo em consideração a qualidade deste músico, surgiram vários nomes para as varias facetas do mesmo, que para além de interprete e compositor de algumas letras, é um personagem balizar na historia das ilhas dos grupos de

músicas de Cabo Verde, já que dirigiu *Os Tubarões*, cantou em outros grupos e por fim terminou sozinho, isto é, a realizar trabalhos a solo.

O Malgrado tentou consolar, animar e suavizar o povo de Cabo-Verde, usando como suporte a música e usando a sua lindíssima voz.

3. 1. 2 - Intérprete

Falar da faceta Intérprete, em Ildo Lobo, é falar de Manuel D' Novas, porque Ildo foi um dos intérpretes que mais fez interpretação vocal das composições deste grande compositor.

Ildo no desempenho da sua função (intérprete), era extremamente exigente em especial na selecção das composições e do repertório que queria actuar; “quem canta deve cantar com paixão, com sentimento”.

Baseado neste conceito, ele fez conhecer a música de Cabo Verde ao mundo, bem como muito dos seus grandes e talentosos compositores entre eles: Anu Nobu, Tonecas Marta, Pedro Rodrigues, Caca Barbosa, Renato Cardoso, Alcides Espencer Brito, Nhelas Spencer, Betú, Orlando Pantera, Tito Paris, Ramiro Mendes, Manuel Faustino e na actualidade Djack Monteiro, Constantino Cardoso e Luís Lima Vaz.

Ildo Lobo confrontado com a pergunta de um jornalista sobre o compositor da sua eleição, respondeu: *“é bastante difícil a questão. No mundo da música, tenho viajado com diversos compositores cada um com o seu talento, o seu género, em fim não há que estabelecer comparações. Todavia se me mandassem destacar apenas um compositor Cabo-verdiano, sem sombra de dúvidas eu destacaria Manuel d'Novas”*.

O intérprete, Ildo Lobo, na apresentação ao público, da oitava música da sua autoria, ostenta a bandeira da moda antiga, apostando no estilo “*Galope*” sem sofisticação em termos de acordes, ou seja, numa canção bem simples com base assente na primeira segunda e terceira de um tom menor, neste caso, Si bemol. Mas, esta faixa traz também um bom cheiro a “*Talaia Baxo*” motivo de orgulho de patrícios nossos, naturais da ilha do fogo que desta forma sentem-se brindados com esta prenda do Ildo Lobo.

3. 1. 3 – Solo

A execução da tarefa musical pode ser feita individualmente e neste caso é chamado de Solo, palavra que vem do Italiano e significa “sozinho”.

Muitas culturas mantêm fortes tradições nas actuações de solos, como por exemplo na música clássica indiana, enquanto que outros, como em *Bali*, têm ênfase nas actuações de conjuntos. Entretanto, o mais comum é uma mistura das duas. Ildo Lobo músico de mérito, herdado do pai iniciou na carreira musical com o conjunto *Os Tubarões* a convite do primo para ser vocalista do grupo.

“Em 1976, os tubarões iniciam a sua discografia que, após oito títulos, que fizeram história, ficaria concluída em 1994”. Causa perplexidade a dissolução do grupo. Os outros tempos e prioridades, dificultam a manutenção de uma formação de oito elementos com caminhos divergentes.

Ildo Lobo que exerceu sempre a profissão de despachante aduaneiro, sabendo que a musica nunca foi profissão para os membros do grupo, inicia então a sua carreira a solo.

Em 1994 com a extinção do grupo, Ildo Lobo encetava uma carreira a solo, tendo gravado três álbuns, sendo o primeiro “*Nos Morna*” em 1997, que dedica a memória do pai. Para gravar este género musical, o intérprete teve a preocupação de seleccionar mornas de alguns dos compositores cabo-verdianos mais relevantes e em simultâneo fez o acompanhamento com guitarristas brilhantes, de gerações diferentes, afim de compor um irrevocável louvor a música que representa a simbologia do Cabo-verdiano (...).

O segundo trabalho a solo de Ildo é “*Intellectual*”, que foi lançado em 2001 de repertório mais eclético e acompanhamento com o grupo de Cesária Évora, no qual reina a alternância do romantismo com o humor irónico das coladeiras, com temas seleccionados que por um lado, proporcionam o prazer da sua voz e por outro, evidenciam o cidadão atento ao social, o artista profundamente comprometido com o seu trabalho e com responsabilidade que assumiu ao longo da sua carreira, face à cultura Cabo-verdiana, honrando deste modo a raiz da mesma, sem ser limitado porque a música é um acto de liberdade. Pois, Ildo afirma ser amante da liberdade e não intervencionista, mas um cantor que interpreta o quotidiano do povo, para o povo, centrado no privilégio, no conhecimento.

O terceiro trabalho a solo é “*Incondicional*”, lançado em 2004. Este último viria a ser lançado, a 25 de Novembro, data em que completaria 51 anos, na localidade de pedra de Lume, uma das zonas da sua ilha natal.

Ildo Lobo, na sua qualidade de intérprete vocal, era extremamente exigente em especial na escolha das composições do repertório que queria cantar, deste modo continua a revelar as facetas anteriormente referidas e esforça-se cada vez mais para enriquecer a música crioula. Ildo sempre teve a preocupação de reunir temas de compositores que contribuíram para o tornar conhecido, como Betú, Alcides Espencer Brito, apareceram Luís Lima, Vaiss e Renato Cardoso – deste último regravado, *Alto Cutelo*, uma das composições mais relevantes que enveredou *Os Tubarões* para os maiores sucessos dos tempos.

Incondicional é composto por 11 faixas, essencialmente mornas, coladeiras e um outro ritmo, que Ildo quis interpretar para surpreender os seus apreciadores e público em geral. Pois, este revela ser grande trabalho feito na linha da intelectualidade.

Nós Morna é mais um dos trabalhos à Solo de Ildo Lobo e contém 10 músicas, sendo uma delas, aquela que deu título ao álbum. Segundo Ildo Lobo este trabalho foi feito com o intuito de trazer de novo ao nosso convívio, algumas das amostras célebres que marcam a vida do seu pai.

“Dedicatória ao meu pai

Ao dedicar-te esta “SERENATA”, julgo que seria normal que eu falasse um pouco de ti, do homem, do pai e do amigo, que foste. Contudo sou obrigado a reconhecer, ser muito difícil, para mim, por razões que nós dois bem sabemos. Embora tardiamente, cabe-me confessar o quanto me honra ser filho de alguém em que em vida, foi dotado de tão forte carácter e postura, mas nesta hora de cumprir o prometido, o único lamento que há de morar comigo pela vida fora, é a certeza da impossibilidade de poder ouvir os teus comentários críticos, como me habituaste em vida, no final desta “SERENATA”, forma de expressão cultural cabo-verdiana, da qual foste um dos maiores incentivadores e exímio intérprete, no momento em que a natureza der lugar ao raiar de um sol novo é, o início de um dia novo”.

Até sempre

Ainda em relação a este álbum, “Mário Lúcio Sousa”, Produtor artístico afirma: «*Este CD é o primeiro álbum do Ildo Lobo a solo, e, como ele próprio o quis, um símbolo: à*

imagem e semelhança do próprio Ildo-simples, humilde e apaixonado. A primeira imagem do Ildo é a de um trovador que já cantou e canta de tudo, desde as mornas mais sublimes aos trechos mais vulgares; um trovador que já cantou e canta em todo o sítio: desde os palcos mais célebres, de Moscovo a Paris, aos becos mais recontidos e as tabernas mais imundas de Cabo-Verde. Por isso, este álbum: concebido como uma serenata, uma tocatina, em que a espontaneidade e o espírito da música tomam o primeiro lugar pela mão de duas gerações de músicos, uma que marcou o Ildo, e outra marcada por ele»⁹

⁹ Jornal A Semana – sexta feira 22/10/2004 — Kriolidade

3. 1. 4 - Serenata e Morna

Ildo Neves de Sousa Lobo, uma das maiores vozes da história da nossa música, numa entrevista concedida ao jornalista António Silva Roque, no jornal *Artiletra*, dizia: “*Eu tinha de nascer num país de morna e rodeado pelo mar*”. De facto, a consciência de ligação ancestral e afectiva a morna deste monstro sagrado da música Cabo-Verdiana, como classificou o Humbertona, é notória e bem retratada no seu primeiro disco a solo “*Nos Morna*”.

Enfatizando mesmo esse elo com a sua veia artística, herança do seu lado paterno, ele diz: “*É um trabalho que fica no meu curriculum como expressão da alma Cabo-Verdiana e do Ildo Lobo*”. Nota-se bem aqui a grandeza daquele que foi e continuará a ser um dos filhos pródigos que esta terra gerou e deu a luz e que permanecerá como uma chama acesa ao escutarmos a sua voz inconfundível, que foi astro na morna, cantando praticamente, em todas as variantes do crioulo de Cabo Verde.

Pode-se constatar que na composição “*Nha fidjo matcho*” a oitava música da sua autoria, o intérprete ostenta a bandeira da morna. De acordo com algumas entrevistas dadas pelo malogrado, o mesmo fez este trabalho não só para dedicar a morna ao seu pai, mas também porque ao enveredar por uma carreira a solo, ele quis seleccionar um estilo, com o intuito de ser reconhecido no seio dos colegas que se dedicam a outras áreas do folclore musical Cabo-Verdiano, afim de permanecer, garantir a continuação dos estilos musicais de raiz.

Partindo de conteúdos expostos nos jornais, no âmbito da cultura, pode-se constatar que Ildo era cativo da alma da morna, e só se libertava quando do fundo da alma, cantava, cantava para depois ficar cativo e cantar novamente.

A sua alma não precisava de ouro nem de platina, mas sim duma excelente melodia de morna, como *Nos Morna*, ou um abraço largo de uma crioula.

Segundo Eduino Santos no “*jornal Express*” Ildo Lobo é “*a alma da morn*” isto leva-nos a crer que o cantor, na sua partida para o além, levou como bagagem, na sua viagem repentina, sem se despedir, precoce, a morna, dado que ele estava e está para além da realeza e da divindade daqueles que sabem cantar a morna. Sendo Ildo “*a alma da morna*” é de salientar que segundo este defensor das potencialidades do Ildo, ele não morreu porque a alma não morre.

“ *A alma como se sabe não morre. É bíblico: e Deus insuflou pelas narinas o sopro da vida ao homem* ”. E o sopro da vida, depois de Deus ter criado o corpo do homem – a alma que fez o homem diferente dos outros animais. É essa alma, apesar de ser imaterial, que marca a diferença e que vai fazer do homem um animal que vai criar coisas maravilhosas como o quadro de Cezane, Madona de Da Vinci, o Tristão e Isolda de Wagner, as sinfonias de Beethoven e “*Nos Morna de Ildo Lobo, entre outras tantas maravilhas criadas com alma. E a alma que marca as grandes criações do homem, não é a técnica.*”

Existem muitos cantores que podem cantar a morna como o Ildo, mas nunca com a alma como o Ildo cantava, pressupondo que a voz do Ildo era mais que sonoridades e notas musicais, eram sons tecnicamente perfeitas e agradáveis ao ouvido. É precisamente na voz do Ildo que se encontra a alma da morna.

Deste modo verifica-se que Ildo era o que era, cantou o que existia de melhor na morna, interpretou as composições dos melhores compositores.

Nos últimos dias da sua vida terrena, dedicou-se a preservar essa alma em CDs como “*Nos Morna*”, “*Intellectual*” e *Incondicional* todos gravados a solo. No entanto, vale a pena referir que é a “*alma*” com que se fazem as obras servirem para marcar a diferença de um ser expoente máximo, numa determinada vertente.

Falar da serenata é falar da morna, porque a serenata é realizada geralmente com as composições (morna).

No prefácio do livro “Morna” de Eugénio Tavares este afirma ser morna “*Brada Maria*” a mais antiga de C. Verde e ser originária da ilha de Boa Vista.

A morna evolui com o vigor da sociedade mindelense, devido ao seu porto, que recebia navios e tripulações de todos os cantos do Globo.”O brasileirismo” em “feedback” de novos músicos de grande talento como Luís Rendall, Muchim d’Monte e sobretudo B.Leza .

Segundo a reflexão de análise feita por Vasco Martins

“*...mas tantas vezes se cai dentro de um ostracismo excessivo, que predominam em países que pela sua legitimidade cultural, como é o caso de C. Verde não se deva permitir. Uma legitimidade feita de influencias, evolução, de forças híbridas sobre tudo quando a essa forma musical que é a morna*”.

A sua análise adiantou ainda que *“a morna é uma temática sem raízes, é talvez dizer que nada nasce de nada, e toda a cultura provém de forças centrífugas de influências e de autenticidade. Cabo Verde, pois privilegiado pela força híbrida, onde raças diversas forças culturais, por vezes opostas, criaram uma pequena civilização que se autenticou um exemplo dessas forças culturais. Negando certas raízes ou ignorando-as, passa-se por uma pobreza de espírito. A caboverdianidade, poderá ter, havido esta ignorância global a imaturidade de análise científica e de aceitar as coisas e os factos culturais que são históricos e imprescindíveis ao que se não pode de maneira nenhuma fugir ou ignorar”*¹⁰

Divagando um pouco mais no mundo da morna, destaca-se um dos mais conhecidos compositores da morna, o Eugénio Tavares, que foi um dos mais notáveis compositores da morna e o primeiro a ser conhecido como tal. Pois os seus temas foram passados de ilha em ilha e influenciaram os jovens compositores de então, como sejam:

- Luís Rendall- compositor instrumental, músico, virtuoso do violão;
- Francisco Xavier da Cruz -B.Leza, foi um dos mais distintos compositores de morna representante de grande talento e que soube aproveitar as influências da música Brasileira de então...
- Jorge Monteiro – Jotamonte; a sua inspiração ligada a terra, faz com que cada uma das suas composições revelem um sentimento nacionalista – romântico, muito corrente a partir de B.Leza, e começo da emigração, maciça.
- Armando António -Lela de Maninha, que compôs muitas músicas
- Manuel Jesus Lopes – Manuel D’Novas, Tão cedo, começou a acompanhar os músicos mais velhos, mais tarde aprendeu alguma teoria de acordes com outro compositor de morna, Olavo Bilac. Estes dois músicos foram companheiros de serenata, o que para ambos e sobretudo para o jovem Manuel D’Novas, foi uma autêntica via de experiência musical, ...

Em suma, de entre as múltiplas facetas do Ildo Lobo, é nesta que ele melhor se incorpora sobretudo nos dois géneros de mornas:

- a) Lírico -amoroso;
- b) Satírico -critico

¹⁰ Mornas, Eugénio de Paula Tavares

Neste género de música a adequação poema -musical é perfeita, regra geral, fazendo da morna uma linguagem eloquente, veículo expressivo dos sentimentos mais comuns Cabo-Verdianos:

Saudade / Amor passionai; Conquista / Namoro; Ciúme / Infidelidade; Hospitalidade / Filosofia;

Sendo a morna o expoente mais alto da criação artística do Cabo-Verdiano, centrado num cunho próprio que o sentimento; Partindo desta declaração pode-se deduzir que o nosso malogrado Ildo dedicou o CD “*Nos Morna*” ao pai, afim de expressar os seus sentimentos, isto é, a admiração que tinha para com o pai, porque quando o poeta compõe, estiliza, materializa os sentimentos dos seus entes queridos, ele não parte de um vazio, mas sim é antes o carismático que dá forma a, um sentir a um pensar e a um viver colectivo; a um substrato cultural popular, partindo não do real e imaginário mas sim da conjuntura, socio-económica e política do seu povo.

CAPITULO – IV

O contributo do músico na cultura cabo-verdiana

Para dissertarmos sobre esse tema, querendo ou não, tivemos a necessidade definir a música Cabo-verdiana. Deste modo, recorreremos à algumas definições dadas por alguma personalidade da industria musical. É nesse âmbito que passamos a citar Valdimiro Ferreira-Vlu que diz o seguinte: « *música cabo-verdiana é toda a música que inteligência Cabo-verdiano por capaz de criar . Deste modo música que já conhecemos morna, coladeira, funaná etc, os formatos e as fusões que ainda não conhecemos ou que estão ainda por criar* »¹¹

Analisando a definição supra citada, pode-se constatar que o nosso malogrado fazia parte da música Cabo-Verdiana, pois tratava-se de uma figura que soube usar a sua morte para interpretar músicas de compositores seccionados que souberam dar conta das tragédias sociais desde os primórdios da literatura cabo-verdiana, começando pelos compositores como Renato Cardoso, Manuel Faustino, homens ilustres destinados, que souberam criticar o governo do partido único.

O contributo deste músico não é desmedido, na medida em que o mesmo, depois de ter partido desta para melhor, recebeu populosos prestígios, a ponto de ser contemplado não só na música, como no campo da literatura, visto que no ano em curso, foi lançado um livro cujo título é *A Voz Crioula*, da autoria de uma jovem, Sara Santos.

Entre outras facetas, da sua actividade musical, Ildo Lobo foi um atento observador, da música Cabo-Verdiana. Pois vale referir que as informações sobre esta personagem, podem ser encontradas nos jornais nas fragatas, nos CDs dispersos, nos quatro cantos do mundo.

Ao comentarmos sobre essa faceta, achamos por bem tornar presente a citação do Jaime de Figueiredo (1905 – 1974): «*quando se fala de música de Cabo-verde – a resistência a inovação e uma certa aversão as influências exteriores*». O cliché “*desvirtuar a tradição*” – que pressupõe virtude como imobilidade – encontra-se em textos publicados em diferentes épocas.

O músico Ildo Lobo dedicou toda a sua vida a interpretar composições de diversos compositores inéditos, visto que foi um intérprete peculiar que soube cantar o seu povo, tanto

¹¹ Jornal A Semana, 4 / 08 / 2006

na vertente lúdica, como na política e social, penetrando no íntimo do seu público, com letras que evidenciam os males da sociedade, ontem e hoje.

O intérprete aceita plenamente que realmente não compôs, mas interpretou e bem, através da utilização da sua voz inconfundível.

Ildo Lobo, atesta algumas afinidades que unem os Cabo-Verdianos dentro e fora do País – a música e a língua.

O senhor Ministro da Cultura de Cabo Verde, Manuel Veiga, comunga da mesma ideia do nosso malogrado Ildo, visto que aquando da sua recuperação, considerou o que era gratificante para ele parafraseando *«sempre disse que tinha um grande respeito e reconhecimento para com o povo que me legou três coisas importantes: uma língua, uma história e uma cultura. Porém, hoje sei também que esse mesmo povo tem apreço pelo trabalho que fiz e faço.»*¹²

O cantor em questão também fez tudo para agradar o povo cabo-verdiano, pensado com maior consideração pelo Ministro da cultura, Manuel veiga, atribuindo o palácio da cultura o nome de Ildo lobo.

De acordo com o filósofo – Platão, existem dois mundos: a das ideias e a das coisas invisíveis. Baseando na ideologia Platónica, deduz-se que Ildo receberá a prenda de bom grado, em virtude do seu humanismo, patriotismo e espiritualidade.

As contribuições do músico na cultura Cabo-Verdiana, não foram puras e simplesmente transportadas das sociedades doadoras para a receptora, mas sim representa o fruto da miscigenação Cabo-Verdiana.

Na realidade o ser humano dotado de capacidade criadora, não se limita a transportar culturas ou traços culturais de um meio para o outro, mas sim tende a persuadir os meios no intuito de as aceitar, sem sobressaltos. Por isso, Ildo foi capaz de transformar, diversos ambientes e a eles se adaptar, forjando deste modo novos valores, usos, costumes, normas, de acordo com o que pretendia construir. Este foi capaz de mostrar que a sobrevivência e a permanência de uma cultura, depende da sua capacidade de renovação, auto criação, simbiose e assimilação, presentes nas composições interpretadas ao longo da sua carreira musical.

¹² Manuel Veiga, Ministro da Cultura de Cabo Verde

4 – Ildo Lobo, o património da cultura cabo-verdiana

Segundo o Primeiro-Ministro de Cabo Verde, José Maria Neves, Ildo Lobo é o património da Cultura Cabo-Verdiana, pois o desaparecimento físico do músico serviu para o enaltecer, porque segundo este e outros mais, esta figura é insubstituível.

Com base na afirmação proferida, o ministro de cultura atribuiu ao palácio da cultura, o nome de Ildo Lobo, um dos piloros da nossa cultura, dentro e fora, do país. Ildo soube representar Cabo-Verde através do seu cantar, humilde sereno, demonstrando a identidade cultural do país de origem, sem enveredar pelos males da globalização, isto é, a descaracterização do que faz um país ter identidade própria.

Este cantor soube valorizar tudo o que é peculiar, partilhar, divulgar e rentabilizar esta vantagem, através da rede global. Isto aconteceu porque o intérprete tentou criar condições para que os cidadãos se consciencializem do seu valor como homem e músico que fomentou e defendeu os valores culturais próprios.

O cognome atribuído ao Ildo Lobo, adaptou-se uma vez que ele representa um dos **Corifeus** da música Cabo-Verdiana enquanto resistência cultural, pois Ildo assume com orgulho, que praticamente não compôs e aceita com maior naturalidade, que interpretou canções de músicos a saber:

- Primeiramente Manuel de Novas: com a morna *Stranger é un ilusão*
- Manuel Faustino – *Serafim* música de caris acentuadamente social.
- Daniel Rendall – morna *Cabral ka more*
- Renato Cardoso – As suas baladas; *no alto cutelo; tanha; Porton di nos ilha.*
- Alcides Brito – coladeira; *labanta brasu bu grita bu liberdade.*

É de salientar que Ildo compôs a morna *Strela Negra*; é considerado o principal veiculador – intérprete dos temas de Manuel Faustino. Importar afirmar que o jovem músico tem um grande talento nos arrevesados anos de 1972 – 1973, antes da revolução de 25 de Abril de 1974, em Portugal com a *pide* rodando por perto, veiculava, animando serenatas, passeio e convívio no liceu provocando alento com temas como: *morna nobo* de Manuel Braga, a morna *ami seis one na tarrafal*, a coladeira *Txora mandrangu, es casa é txora asnera* e alguns outros.

Partindo da listagem de composições interpretadas por Ildo, constata-se que interpretou músicas de cariz social, histórico e político, muitas vezes por anseio sem contar com o meio ambiente circundante da época.

Aquando do trigésimo aniversário de «*Os Tubarões*» (1969 – 1999), o grupo do mesmo nome realizou uma actividade que tinha como objectivo, não só para parabenizar o conjunto, mais também homenagear o amigo e companheiro Victor Bettencourt – ex. baterista de *Os Tubarões* no qual, Ildo demonstrou a sua sensibilidade publicamente, derramando lágrimas, em simultâneo, compartilhando a sua tristeza com o amigo.

A par dos elementos culturais de natureza dinâmico, pode-se apresentar como exemplos: grupo de teatro, conjunto musical estação de rádio, jornais e publicações que, de certa forma, também contribuíram para a actualização a difusão da cultura, nas suas múltiplas facetas.

Deste modo pode se referir que a tarefa da defesa da cultura cabo-verdiana poderá assentar nos seguintes parâmetros:

- Desenvolver um sistema cultural que permita recuperar, preservar, e conservar o património cultural dos países.
- Preparar a comunidade para o usufruir, com ele se identificar, nele se inspirar.
- Fomentar, incentivar e apoiar a livre criatividade cultural dos indivíduos e dos grupos, nas mais variadas formas de expressão.
- Proceder ao encorporamento técnico das instruções culturais.

Ildo Lobo foi um cabo-verdiano que travou lutas inéditas, no âmbito da defesa do património sócio – cultural de Cabo Verde, deste modo foi reconhecido pelas entidades célebres do nosso país, sobretudo na aderência do nome ao palácio de cultura que até então não era baptizado.

Segundo João Lopes filho “*a defesa do património é um imperativo inadiável perante as incorrias ou negligencias que, em todos os lados, se repetem afectando valores inestimáveis que parecem em risco de degradação ou de extravio para estrangeiros*”¹³

Continuando, o autor diz que o principal não é realizar levantamentos, inventariar, e restaurar, as petas artísticas, ou documentos, mas sim formar pessoal habilitados para a realização de tarefas dessa natureza e ainda a exercer função no domínio da animação

¹³ João Lopes Filho,

cultural, tratando-se de um dos agentes básicos da missão pedagógica e cívico que deve ser levada em conta, em todo o país.

Ainda sob a perspectiva do mesmo autor, um outro aspecto que deve ser reservado é a definição de “património” de acordo como os parênteses editados pelo UNESCO e outras organizações internacionais.

Considerando a afirmação de João Lopes filho, em relação à cultura cabo-verdiana, esta deve ter todo o direito de existir por si só e actuar com dinamismo, não como uma carga, mais sim exactamente como suporte e arma da permanência em movimento que é a nação.

O autor em questão, define a cultura como sendo *“traço comum e manifestação da personalidade de um povo”* e diz ainda que *“a reafirmação cultural é a melhor forma de mostrarmos aquilo que somos e que valemos sem o que ficaria incompleto o desafio estorrico que é a independência do país”*¹⁴

Vale a pena referir que, Ildo Lobo foi considerado Património da cultura cabo-verdiana, pois, trata-se de um músico hereditário, da matéria-prima, principal da indústria musical.

É nesta óptica, que o chefe do governo Cabo-verdiano, querendo defender o Património sócio – cultural do seu pai, usou da palavra, para evocar o nome deste filho de Cabo-verde nos meandros da música.

Eduino santos alega que Ildo faz parte do rol dos que são e foram os melhores, sem escola de música, sem direitos de autor pagos, pagando fraternas para importar equipamentos musicais. Ele afirma ainda que foram e são os melhores a cantar, a tocar, a compor, sem bolsa de estudos, sem formação, totalmente de bordo como os outros.

¹⁴ João Lopes Filho,

4.1 – Os valores tradicionais retractsados nas suas interpretações

Os valores morais, tradicionais retractsados nas músicas interpretadas pelo nosso malogrado Ildo Lobo, podem ser constatados nas músicas a saber:

Ka fila ka fila mas; a honra / o respeito /a virgindade

Raboita Mundo; a solidariedade

A composição tomada como exemplo:

Ka fila ka fila mas, serve de base para afirmarmos que Ildo Lobo, na verdade foi um grande poeta, prosador lírico, que entusiasmou o seu público, interpretando canções correspondentes aos valores tradicionais como: a «*virgindade*» -

O conceito de virgindade em Santiago encontra-se associado aos valores femininos. É uma designação dada ao estado de pureza de uma jovem, uma donzela, que nunca teve relação sexual.

Para muitos hoje, a virgindade é não tem valor, porque as meninas não se preocupam em manter-se virgens e o namoro não é outra coisa, senão relação sexual.

Muitos jovens justificam a não valorização da virgindade da seguinte forma: outrora uma jovem vivia no recanto, a sua obrigação era conservar-se virgem até o dia do casamento, a perda da virgindade constituía uma vergonha, não só para a moça, mas também para toda a família, isto partindo do pressuposto que «*quando um homem de bem deita com uma mulher, esta diante de Deus, a tomá-la por sua legítima esposa*»

Em suma, o músico, ao interpretar a canção, tende a revelar os seus princípios como homem tradicional, conservador de valores da antiguidade.

Segundo José de Oliveira, o valor começou a ser usado particularmente a partir do sec. XVII, com o sentido bastante economista. Na era clássica e na idade média, o vocábulo *valor* não era utilizado. Utilizava-se sobretudo, a palavra *bem*, que o axioma escolástico identifica com o ser. «*O ser e o bem identificam-se o bem (juntamente com a verdade e o belo) é um transcendental*».

O termo valor tem a sua origem latina no verbo *valera ser forte, estar em boa forma* valor designa «*a qualidade das coisas, das personagens, das condutas cuja conformidade em relação a uma norma ou a uma proximidade a relação, a um ideal, tornam praticamente dignas de estima*»

A composição «*Raboita Mundo*» serve para exemplificar que a solidariedade trata-se de um conceito um tanto quanto tradicional, que no mundo globalizado, caiu em desuso, pois, cada um pensa em si mesmo, isto é, a era da indagação existencial.

A solidariedade nos tempos remotos, constituía um valor importante e estava sempre presente nas comunidades, principalmente no interior de Santiago. Pois, a solidariedade e a amizade abrangiam todos os aspectos da vida humana e em todos os momentos, ou seja, havia união, quer nos momentos de tristeza, quer nos de alegria.

Para os Cabo-verdianos, a solidariedade entre os vizinhos e os parentes mais próximos, era bem patente. Nos momentos de alegria, como por exemplo nas festas de casamentos, de baptizado, em que os parentes e os vizinhos tomam conta de tudo.

Nos momentos da tristeza, como é o caso da morte, acontecia o mesmo. As pessoas ajudavam os outros, desinteressadamente, sem esperar nada em troca. Faziam aquilo porque achavam que aquela pessoa necessitava de ajuda e cabia a todos ajudá-la.

Antigamente, afirmavam que as desavenças entre familiares, ou entre vizinhos, não existiam. Os mais antigos queixavam-se de que a solidariedade entre as famílias e os vizinhos já não existem e que nos outros tempos não era assim.

Baseado na exposição anterior, pode-se verificar que o nosso malogrado Ildo Lobo, deve ser recordado por cada momento, porque teve a preocupação de interpretar esta música, no intuito de transmitir ensinamentos, valores, ao povo cabo-verdiano, dado que muitos querem, em especial, a sua volta, maior número de bens possíveis, muitas vezes tirando-os dos outros.

Ildo lobo, sendo músico desmesurável, soube escolher composições de compositores de mérito e por fim compôs esta canção, que serve para mostrar que a juventude hoje não tem o mesmo espírito dos jovens de outrora. O espírito que caracteriza o homem Cabo-verdiano: labutador, corajoso e trabalhador. É pela literatura que se ganhou a consciência do valor da nossa cultura, nossa identidade, como povo com características individualizados dos outros que estiveram na base do nosso aparecimento e desenvolvimento ao longo do século.

E nesta óptica que o músico em estudo, foi capaz de demonstrar a maneira de ser e o pensar do Cabo-verdiano, assim como os ensinamentos dos valores tradicionais que se encontram retratados nas suas interpretações baseadas no génio do povo Cabo-verdiano, criativo, inventivo norteado por um sentido de caridade, de solidariedade, e esperança e de

tolerância em que músico deixou transparecer as características típicas da cultura do povo Cabo-Verdiano.

A cultura tudo o que o homem aprende, colectivamente, resta dizer que qualquer povo possui uma cultura.

Sendo assim «a história da cultura abrange dois níveis nos quais se deve operar com métodos diferente: um é o da herança existente, que já se converteu em tradição, costume, automatismo, rotina, por outro lado é o das inovações, dos surtos dos acontecimentos», seguido António José Saraiva

Cultura Portuguesa II

Assegurado no peso e na qualidade da música, Ildo, intérprete inédito, levou Cabo-Verde ao mundo.

4. 2- Relação homem – meio em Ildo Lobo

Ildo Lobo é um homem, oriundo de uma estrutura social já urbana, é considerado como um indivíduo aberto, comunicável, extremamente bondoso e meigo. Tinha uma personalidade peculiar, centrada em hábitos simples.

De acordo com as pesquisas feitas, ele, no fim do dia, sempre frequentava a casa dos amigos, e em detrimento disto, sentava-se num bar, acompanhado de amigos idóneos, direccionados pelos copitos que vinham e iam e entre estes, contava sempre anedotas irresistíveis.

Ildo relacionava-se com o público na base de um amor fraterno, amabilidade, tinha um espírito solidário, respeitava os valores morais, tradicionais, e actuais como, permissividade, hedonismo, individualismo, respeito, honra e solidariedade.

Baseado neste conceito, pode-se afirmar que o nosso malogrado Ildo Lobo, era uma excepção, isto porque possuía um espírito característico do homem cabo-verdiano, identitário, labutador, sacrificador, corajoso e profissional. Com espírito de ajuda mútua, deste modo ajudava os outros, desinteressadamente, sem esperar pelo pagamento, pois fazia aquilo que achava que uma pessoa necessitava. Se assim se apresentava o nosso músico, podemos afirmar então que este era um homem honrado. Isto sem se esquecer que a honra tem significados diferentes, isto é, ele pode variar de acordo com o sexo, a idade, a classificação social, ocupação e contexto social. Existe uma desigualdade significativa entre o conceito de honra, desonra nos homens, nas mulheres e nos jovens. Pois, ele pode ser entendido como *“valor que uma pessoa tem aos seus próprios olhos e aos olhos da sociedade”*

Segundo John Peristiam honra e vergonha são dois pólos de uma valorização. A honra e o vértice da pirâmide dos valores sociais e devido os seres humanos em duas categorias fundamentais: os que possuem honra e os que não possuem. Honra e honorabilidade podem perder-se são precários, bem como a vida e o bem-estar material.

Honra e desonra são preocupações de indivíduos que vivem em sociedades pequenos e fechados onde não existe o anonimato, Num meio onde todos tentem controlar a vida de todos, apoiando-se em relações anónimas das grandes aglomerações urbanas.

Nas sociedades pequenas segundo J. Peristiany *“A personalidade social do autor é tão significativa como o papel que tem a desempenhar. Dentro do grupo de solidariedade meninos*

*destas sociedades, sejam elas familiar ou clãs, as esferas de atuação são definidas, não se sobrepõe e não se competem uma com as outras*¹⁵

Abrange ainda o conceito de honra, o sentido da virtude. Esta concepção está associada à mulher, cuja conotação é religiosa e sexual.

O respeito está associado a outros valores, nomeadamente a honra. Para João Lopes filho, o ancião é muito respeitado, desempenha algumas funções positivas e necessárias, quer no seio da família, quer da própria comunidade. A sua valorização tem a ver com o facto de ter acumulado mais experiências e ter vivido mais. Ocupa uma posição destacada dentro da hierarquia social, devido ao reconhecimento da sua função social. Ganha estatuto o seu comportamento, a sua conduta e o seu aspecto físico. Desempenha um grande papel social: aconselha, conduz as conversas ou discussões.

São importantes agentes de transmissão da cultura. A sua autoridade no seio da família é praticamente incontestada.

Primando por este conceito, pode-se concretizar o reconhecimento público dos serviços ou das acções que fizeram com que o estatuto do Ildo lhe permitisse obter sempre presente respeito, amizade e carinho.

Nas suas interpretações, ele tentou dar exemplos de conduta a ser seguida, desempenhando sempre o papel de ancião, muito conservador, porque quando surge desentendimentos, algures, ele é quem tenta atenuar as discussões, é o defensor da tradição e dos costumes. Ainda foi capaz de transmitir e conservar a tradição do seu conhecimento.

Ildo Lobo teve um papel importante no reforço da tradição, na medida em que interpretou composições que relatam a vivência dos Cabo-Verdianos e acontecimentos nacionais e internacionais, lendas, contos, anedotas. Essas transmissões, tiveram sempre fins educativos e recreativos, tão importantes para a socialização dos jovens, na comunidade.

Caminhando um pouco mais nesse trilho dos valores, encontramos agora com valores morais actuais, de entre os quais começaremos por destacar o individualismo. Pois, de acordo com a sociologia, o individualismo é a teoria segundo a qual os fenómenos colectivos e sociais devem sempre, em última instância, ser aplicados em termos individuais.

A concepção “individualista” do homem e da sociedade é uma concepção moderna, porque para os pensadores mais antigos, o homem é um ser social e individual que não

¹⁵ John Peristiam

consegue viver fora do quadro da sociedade: os indivíduos, para Aristóteles não passam de partes integrantes da sociedade.

Entretanto, há uma tendência para o individualismo porque as pessoas estão mais interessadas em resolver os seus problemas, do que o dos outros. “*Hedodonismo, permissividade*”.

De acordo com Cezar Monteiro, Ildo era tido como admirável amigo dos amigos, íntegro e muito franco, não tocava na vida privada dos outros e nem permitia o contrário, por isso levou uma vida modesta, sem arrogância, acabando deste modo por contradizer o seu estatuto social de notável figura pública de salão.

Ildo foi um ser altruísta de gema, generoso espontâneo, impulsivo, e por vezes ingênuo.

A ingenuidade do músico estava presente até na sua capacidade de apreciação, pois apreciava as coisas mais simples, raras e belas que a vida nos oferece, começando pela natureza, o mar, um cantar do passarinho, o beijo da mulher amada, o sorriso de uma criança, uma amizade sincera, desinteressada, o café igual ao da avó, um copo de whisky.

4.3 – O músico e as homenagens

Aquando da comemoração do 30º. Aniversário do grupo «*Os Tubarões*» 1969 – 1999– foi editado, aqui na Praia, um desdobrável sob o título «*Falando de os Tubarões*». Ao analisarmos o mesmo, deparamo-nos com múltiplas informações a saber: a data da fundação do grupo em questão, os primeiros elementos que entraram e saíram do mesmo ao longo daquela caminhada, sem esquecer aqueles cuja inspiração dependeu parte do trabalho e do sucesso do grupo.

Vale no entanto referir que esse encontro teve dupla função, pois serviu para todos, unidos naquele abraço ao amigo e companheiro Victor Bettencourt.

No decorrer da nossa pesquisa, deparamo-nos com afirmações várias, de entre as quais, algumas mereceram a nossa especial atenção, como é o caso de uma frase proferida pela jornalista Marelene Pereira «*A história se repete*». Ora, partindo para a análise, pudemos constatar que a mesma vinha contemplando que a cultura Cabo-Verdiana paulatinamente vinha degradando, com perdas humanas de talentos insubstituíveis, e o curioso é que essas perdas, até então, tinham-se manifestados sempre numa quarta-feira, por isso esta acabou por indiciar esta supersticiosa quarta-feira, pois, segundo ela «*há três anos estava neste mesmo lugar, a viver a mesma história*». A mesma afirmou que, «*apenas em quatro anos Cabo-verde perdeu três nomes insubstituíveis da sua mais rica vertente cultural: a musica. Foram Orlando pantera (2001), Luís Morais (2003), Anu Nobo (2004, e, agora, Ildo Lobo*».

A comentadora foi prestar ao Ildo, a sua última homenagem, por ser uma amiga de juventude e disse: «*Ildo viveu como quis viver, viveu tudo o que achava que ia viver*».

Segundo a autora do texto, Ildo costumava pronunciar isto: «*fui sempre assim não vou mudar*». Continuando ainda, constatou-se que a mesma história se repetiu em quatro anos seguidos, com quatro músicos.

Quarta-feira é considerado como sendo um dia fatídico, no calendário dos últimos anos da música e da cultura cabo-verdiana.

É precisamente nestas sucessivas quartas-feiras, que a nação Cabo-Verdiana se une, demonstrando que, nesta vertente, o país ficou mais pobre.

A mesma jornalista opinou que se todas as figuras escolheram quarta-feira para darem um adeus aos seus irmãos, é porque os mesmos pretendem que este dia seja o da Anunciação.

O Palácio de Cultura ganhou nome de Ildo Lobo. (desde a noite do dia 1 de Dezembro de 2004) em homenagem ao artista, personalidade da cultura cabo-verdiana, no dia 15 de Novembro de 2004.

Artista popular que partiu prematuramente desta para melhor, deixou-nos, mas continua entre nós para sempre, através da audição das suas composições. Daí a razão para a homenagem ao criador da cultura cabo-verdiana.

Ao longo do certame, os convidados foram prendados com inéditas interpretações.

Homenageado centrado nas composições de Kaka Barbosa, Lela Violão, Mindou, Sousa.

O homenageado do dia foi lembrado por alguns amigos, nesta noite inesquecível, cheia de emoção, para lembrar aquele que deixou o mundo dos vivos, talvez para, quem sabe, fazer e alegrar firmemente.

O Ministro da cultura Manuel Veiga, no dia da homenagem, disse que não devia chorar, nem ouvir uma canção de dor ou de tristeza, que em vez desta escolha, no seio da sociedade Cabo-verdiana deviam nascer inúmeros Ildos, no intuito de poder cantar a vida, o amor, a arte e o humanismo, matérias primas da indústria do Ildo. O mesmo, deste modo, proclamou, a decisão do governo, justificando a célebre atitude como forma de reconhecer e perpetuar, para a posteridade, o brilho, o ritmo, e a visão que *Os Tubarões* imprimiram à música, arte e a Cabo-Verdianidade. É de salientar que, a mensagem proferida por sua Exa.: Presidente da Câmara Municipal da Praia, Felisberto Vieira: *«disse que a nova geração de músicos e homens da cultura do país saberá erguer bem alta a bandeira empenhada por Ildo Lobo. Ildo foi um homem que soube cantar a morna e interpretar, de forma mais íntima e fiel a profundidade da alma Cabo-Verdiana»*.

O presidente da Câmara considerou Ildo Lobo como *“um dos homens que nascera para cantar e uma das maiores referências da cultura cabo-verdiana»*.

No dia do cortejo fúnebre do ex-vocalista de *Os Tubarões*, o executivo concedeu tolerância de ponto, na Praia, a partir das 14 horas do dia 20. Toda a entidade cabo-verdiana acompanhou Ildo à sua última morada. O Presidente, os Ministros, os membros do governo, deputados, corpo diplomático e milhares de pessoas.

Ildo Lobo presta homenagens a Zeca Afonso em Coimbra.

O cantor Ildo Lobo abriu um festival de homenagens póstumas à Zeca Afonso, trata-se de um travador que diz “*admirar imenso*”. O autor de *Nos Morna* confessa a agência lusa que, ele é um grande admirador de Zeca Afonso, das músicas dele e da sua intervenção política.

Ainda no subtítulo homenagens, encontramos um outro colega digno de referência que é o Nuno Rebacho que, de acordo com as pesquisas, deve ao Ildo grande homenagem, devido ao facto deste se revelar ser soldado de Ildo, com a abertura de uma escola de música, a qual pretendia atribuir o nome do Ildo. Em relação à função da escola, argumenta dizendo que aquilo servia para pagar aos músicos Cabo-verdianos uma vez que o que pagam aos músicos Cabo-verdianos era incompatível com o que pagam aos músicos estrangeiros para actuarem nos festivais de Cabo Verde. Com isso ele pretendia criar e suportar uma orquestra nacional, fundar, e apoiar uma editora de música em Cabo Verde.

Sustentando nesse leque de sugestões, pode-se verificar que o músico em questão pode-se verificar que o músico em questão, tratava da coluna vertebral da indústria musical.

Assim, homenagear Ildo Lobo pelo seu papel, desempenho como intérprete/compositor é para nós, o melhor tributo que se lhe pode prestar. Pois, é nesta óptica que o principal objectivo do presente trabalho se desenha.

Sistematizando, podemos afirmar que Ildo Lobo é um dos elementos da sociedade cabo-verdiana que deixou para as gerações vindouras, não só o cultivo da morna, mas também subsídios frutíferos para a continuação de uma sociedade cada vez mais digna.

Considerações finais

O presente trabalho apresenta algumas limitações, começando pela não existência de uma escola de música no nosso país, falta de disponibilidade das pessoas conhecedoras da matéria e acima de tudo, a inconsciencialização por parte da população. Mesmo assim, ficamos gratos por, na medida do possível, ter conseguido realizar esta pesquisa e, a partir deste, tirar algumas ilações:

Partindo do princípio de que toda a vivência das ilhas, demonstram um autêntico desafio e estrutura que per si é um acto de resistência cultural, é de salientar que, sem sombra de dúvidas, o caso da música cabo-verdiana, dado a dispersão de etnias, o surgimento em si da língua nacional cabo-verdiana, advém como resposta as barbáries coloniais: *«esta língua é o suporte por antonomásia da música cabo-verdiana. Se na verdade as músicas que nos indiciam a resistência cultural resumem-se as músicas de caris socio-políticos»*, porém, isto não se esgota por aí, por isso verifica-se que este tipo de música serve de veículo para mensagens de índole moralizador, demonstrando assim, a faceta criativa do povo das ilhas.

Segundo Dr.^a Lurdes Lima, linguista, investigadora, sem dúvida como nosso espaço geomorfológico *“só por isso, constitui um desafio pois que propicia-se não exige a formação de novos padrões culturais. As diferentes relações que estabelecem da sociabilidade e da produção, são factores da produção de novas formas culturais»*.

Apoiando nesta transcrição, verifica-se que Cabo Verde, por ser um arquipélago com ilhas dispersas, encontramos músicas de composições de ilhas para ilhas, cada um tenta prestar o seu tributo ao país, quer pela indagação existencial, quer pelo contributo com o elemento inserido nesse espaço.

Continuando, a linguista declarou *«não é, por isso, surpreendente que a inserção nesse novo espaço físico produz, uma cultura nova, manifesta nomeadamente através de uma língua que se renova. Esta, lembramo-la, constitui – pelas suas características, intrínsecas a sua génese a um tempo individual e colectivo – molde e moldura da comunidade respectiva»*.

Destacamos que o tema do trabalho foi desenvolvido em duas secções:

Abordagens sobre o facto que tem a ver com eternizar o percurso do músico e a análise de algumas composições da autoria do mesmo e de outros compositores.

A música sendo uma instituição de caris colectiva, usa a língua materna em larga escala, entretanto, não existe a necessidade imperiosa de um músico ser por excelência, um indivíduo

letrado. Assim sendo, qualquer indivíduo pertencente a uma sociedade, pode ser intérprete ou grande compositor de alto estirpe.

O músico em questão pode ser contemplado nessa linha de ideias, que não possui muita habilitação e tão pouco a formação na área musical, mas transformou-se num artista que conseguiu levar Cabo Verde ao seu auge, no âmbito musical, através das suas actuações públicas, fora de Cabo Verde. Este foi capaz de ter *«uma noção do outro que depende tanto de nós como no ambiente que nos rodeia. Dai o papel activo que o indivíduo exerce sobre o objecto da sua percepção»*.

Considerando essa transcrição, salienta-se que o músico, Ildo Lobo interpretou uma canção onde diz que ele foi condenado três vezes e que a sua garganta que lhe matou, isto serve para explicitar que o músico teve a noção do eu e do outro, sem se esquecer do ambiente circundante, pois na voz do Ildo, ainda na mesma composição, ouvimos um outro verso que é *«si bu herdal, bu negal»*.

Neste verso pode-se deduzir que o músico, depois de uma longa e dolorosa caminhada, comprometida com o social, patenteou os seus sentimentos de desilusão, na interpretação da composição, com a sua voz melódica.

No decorrer do seu percurso, o músico foi capaz de aplicar no quotidiano, na sua tarefa diária, a produção cultural, oral, interpretando composições dos compositores das ilhas.

O mesmo interpretou, desde os primeiros tempos, acompanhado pelos instrumentos adequados ou não, tentou resistir perante a realidade económica do seu país, afim de assegurar a música como um elemento construtor da realidade social, em Cabo Verde.

Este tema enquadra no contexto que podemos designar de *«Cabo-Verdianidade literária»* e que se sintetiza numa consciencialização das realidades étnico-sociais e culturais da terra cabo-verdiana, através de uma literatura que rompe com os modelos europeus, principalmente portugueses.

O cabo-verdiano deu conta que era a hora de voltar a cara para a terra – mãe, e mergulhar nas suas raízes, pois deu costas a cultura europeia, para priorizar uma inovação traduzida *«na mudança estética do euro-centrismo para um cosmo-centrismo – em que o homem crioulo ocupa o seu devido lugar»*.

Ildo foi um cantor de Cabo Verde capaz que conseguiu a sua tarefa cabal, na perspectiva de Literatura Cabo-verdiana, que aprofundada na originalidade, na Literatura tradicional, que

não possui outros espaços, próprios e centra-se nos contos, nas lendas, nas tradições dos povos, na sua vivência, que se define como fortemente literária, caracterizado pelo seu aspecto, quer no embuta popular como culto, oral, escrito, individual ou colectivo. Também, encontra-se marcas da memória actualizada, penetrando em texto de natureza social e proporcionando sobre ele.

Não é de crer que exista um antropológico, sem possuir a vertente musical. E o cabo-verdiano não havia de constituir excepção de um povo Ilhéu com influências de cultura que desde a sua génese, tem um reconhecido pendor para a música. Esta foi a fiel companheira, desde que historicamente é preciso falar do cabo-verdiano, com uma nova identidade no palco da história. Por outro lado, sabe-se que já o sincretismo iniciado com as culturas brancas e negras em presença, originando um mestiço cultural, seria um processo irreversível. E a música cabo-verdiana é filha desse processo. Como vimos, a sua realidade multifacetada, não cabendo a sua caracterização em moldes dogmáticos.

Urge assumir isso como uma forma de se projectar alguma luz sobre os pontos menos concordantes e menos conflituosos. Pois, no âmbito sócio cultural, a música é a fiel companheira do cabo-verdiano. Este descobriu na música, o seu universo do inventar as toadas próprias em formas poéticas. Assim sendo, temos como resultado, um povo em cujo quotidiano, a música sempre teve peso, abarcando a totalidade das circunstâncias da vida, da fome, fartura, de partida, do regresso do turismo eficiente à depressão, de alegria à tristeza, de dor, a influência de morte, a vida, da religiosidade do senso da extremidade, enfim vários outros factores que distinguem a nossa vivência. Tem-se sempre presente que toda a abordagem que se vai fazer, não é fruto de uma investigação científica e exaurida.

Segundo António Germano Lima *«os intelectuais integram o grupo nos actores sociais que através das respectivas obras deixam contributos valiosos para a reconstrução histórico cultura das sociedades a que pertencem.»* Em relação à sociedade cabo-verdiana, Eugénio Tavares é um desses actores sociais, que prestou tributos valiosos à literatura cabo-verdiana, sobretudo na vertente poética, centrada num lirismo amoroso, que pode ser justificado com a morna *«força de cretcheu»*, interpretada pelo nosso malogrado Ildo Lobo, entufada com a profunda emoção da alma.

Pesquisar uma figura como Ildo Lobo foi gratificante na medida em que, para muitos representa uma peça insubstituível da cultura do nosso país, pois trata-se de um «génio», a se julgar pelos diversos testemunhos que existem a seu respeito, a volta de composições interpretadas por ele e as dele, na sua faceta à solo.

Na nossa visão, uma das maneiras mais eficazes de estudar esta personalidade é iniciar-se pela visita ao palácio da cultura, do seu nome, apetrechado de lés a lés com artistas Cabo-verdianos, destacando o Ildo como pano de fundo, conferindo deste modo, o seu estatuto na arena musical. Isso leva-nos a crer que qualquer visitante, que nunca tenha ouvido falar dele, interroga-se: *Quem foi este homem, a ponto de atribuírem ao palácio o seu nome?*

Respondendo a questão, salientamos que esta doação é gratificante e merecida, uma vez que o patrono deste espaço fez tudo de bom e do melhor para a indústria musical Cabo-verdiana.

BIBLIOGRAFIA

- ALFREDO, Margarito, **A morna cabo-verdiana**, in “Letras e Artes” DN 1959.
- ALMEIDA, Germano. Os dois irmãos. Mindelo. Ilhéu. Editora – 3ª – Ed. 2001
- BRITO, Margarida, **História da música em Cabo Verde. Os instrumentos musicais em Cabo Verde**, Centro Cultural Português, Praia – Mindelo – 1989.
- FILHO, João Lopes, **Introdução a Antropologia Cultural**, 7ª edição, Lisboa 1987.
- FILHO, João Lopes, **Introdução à cultura cabo-verdiana**, ISE, Praia, 2003.
- FILHO, João Lopes, formação na sociedade. Mudança Cultural. Lisboa. Secretaria-geral do Ministério da Educação. V. II
- FILHO, João Lopes, **Vozes da cultura cabo-verdiana**, Cabo-Verde visto por Cabo-verdianos. – 1ª- Ed. Janeiro 1998
- JORNAL – Revista “**Artiletra**” de Educação, Ciências e Cultura, Ano XII Nº 61/62 – Novembro / Dezembro de 2004.
- JORNAL I “**A Semana**”, kriolidade – 24/9/2004 – parte integrante do jornal.
- JORNAL “**A Semana**” – Ano XIV – nº 680 – 22 de Setembro de 2004.
- JORNAL “**A Semana**” – Ano XIV – nº 684 – 22 de Outubro de 2004.
- JORNAL “**A Semana**” – Ano XIV – nº 685 – 19 de Novembro de 2004.
- JORNAL “**A Semana**”, kriolidade – 22/10/2004 – parte integrante do jornal.
- JORNAL “**A Semana**”, kriolidade – 29/10/2004 – parte integrante do jornal.
- JORNAL “**A Semana**”, kriolidade – 12/11/2004 – parte integrante do jornal.
- JORNAL “**A Semana**”, kriolidade – 19/11/2004 – parte integrante do jornal.
- JORNAL “**A Semana**”, kriolidade – 31/12/2004 – parte integrante do jornal.
- JORNAL “**A Semana**”, Ano XVI, nº 777, 10/11/2006.
- JORNAL “**Voz Di Povo**”, Ano II – nº 84 -12/03/1977.
- JORNAL “**Voz Di Povo**”, Ano III – nº 112 -10/09/1977

- MARTINS, Vasco, **A música tradicional cabo-verdiana – I A Morna**, Direcção Geral do Património Cultural, Instituto Cabo-verdiano do livro e do disco, 1989.
- MONTERO, César Augusto, **Manuel d’Novas – Música, vida cabo-verdiana**, S.Vicente, Dezembro, 2003.
- NOGUEIRA, Gláucia, Notícias que fazem a História. A música de Cabo-Verde pela Imprensa ao longo do século. II
- OLIVEIRA, José Barros. Filosofia, Psicanálise e Educação. Coimbra. Livraria Almedina
- PEIXEIRA, Luís Manuel de Sousa. Da Mestiçagem à Caboverdianidade. Registos de uma Sociocultura. Edições Colibri. Lisboa, Junho de 2003
- REVISTA **“Cultura Cabo Verde”**, Setembro 1997, nº 1
- REVISTA **“Fragata”**, nº 25, Julho/Agosto, 2001.
- REVISTA de Estudos Cabo-Verdianos **“Kultura”**, nº especial, Setembro 2001.
- REVISTA **Praia Santa Maria** – Nº 10 – Outubro – 2004.
- REVISTA **“Praia Santa Maria”**, nº 11, Janeiro de 2005.
- RODRIGUES, Moacyr, **Mornas e coladeiras de Frank Cavaquim**, Estudo e selecção – Mindelo, 1992.

Anexos

Anexos –
Algumas composições interpretadas por Ildo Lobo

I**NHA TESTAMENTO**

Nha corpo é di tchon nh'alma é di Deus

Vida é di meu coração é pa bo

Passado 'm ca sqcel presente 'm ta vivel

Ftur 'm ca conchel pensamento é so bo

Traz d'orizonte foi sonhe sonhade

Margura d'vida pon pé na tchon

Mi nha bussla ta encravode

Mi nha cina nasce ma mi

Sima tcheia na ribera

'M ca ta quei na mesmo asnera

'M cré sabura d'um cantadera

N`um serenata sem janela

Sem tristeza pa nha bera

N`um grandi noite di lua cheia

`M ta tcha munde q`sé cansera

Bo ta dome bo regoçe qué pa nha ceia

Na dispidida `m ca cré margura

Nem sodade dum vida sonhode

`M cré ligria d`um vida vivide

Embolode n`ondas di distino

(Ildo Lobo)

II**NÒS MORNA**

Si b oca cre ovi morna

Musica rainha di nós terra

Rança bo bai bo tchone li

Ness Cabvrede suave suave e doce

Nós terra mãe

Inspiração di nós poeta

Princesa d'nos serenata

Na note serena di luar

Dibaxo d'janela di um cretchou

Na tchoradinha di um violão

Cabverde sem morna

Pami el é terra sem sol sem calor

Noiva sem grinalda, vitória sem gloria

Di um povo criston

Bem bó bem diseme bo nome

Si bóé fdje cabverdiano

Bem no junta voz

No bem canta nós morna

(Manuel D'Novas)

III

INCONDICIONAL

si bô crêm um crêbo

si bô ca crêm

mesmo assim um crêbo si mé

bô é q'ê nha strela guia

cretcheu d' nha pensar

bô ê q'ê nha razão d'vivê

Djam crêbo na nha pensamento

Di coração di corpo inter

Cu tudo força di nha ser

Bem ser di meu ô d'ot alguém

Ca importam s'ê pa bô bem

Li na nha peito ô n'otu leito

Crióla bô é q'ê nha luz

Zela pa bô felicidade

É tudo nha razão d'vivê

Nem si bô ca crêm

Mesmo assim um crêbo feliz

Alimentam c' bô alegria

Sorriso di bô rosto

É q'ta dam força pam vivê

(Constantino Cardoso)

IV**TEMA CU BÔ**

Ca tem alguêm na mund

Qui ta mérecê

Morrê di sentiment más bonito

Quem podia compreêndê

Si motor di vida é amor?!

Djam tem anos a fïo

Ta vivê pa bô

Ta da sem racêbê

Qui agonia!

Lágrima nhas odje seca

Ta rega

Amor qui ca fluri

Djam ca podê duvida

Dipôs di tanto sofrê

Ma dor di amor

Ca ta mata!

Má paquê?

Paquê qu' n ta temâ cu bô

Sô pa seca na dor?

(Adalberto Silva)

AMOR FINANCIÓD

Crióla girá interessera
 Sorriso suspeito cheio di malícia
 Corpo esculpid, andar provocant
 Perfume soave hipnotizante
 Sê beleza é sê perdição
 Largód corpe na vida assim
 Pa quem paga pa disfruta

Ness vida ta bai ta bem
 Corre buate bar e hotel
 Preparod pa mas um not
 D´amor financiód
 Sem moral e sem pudor
 Sem amor e sem calor
 Iludid na alienaçom
 Trocod valor

Troca sem descendência humilde
 Pa convivência d´gent sem ramend
 Ta despreza honra d´se pai
 Na ilusão d´um vida mas sab
 C´vergonha d´se pobreza
 El prende f´ma bibe e pôr ai
 Ta funda se vida assim
 Ta ser um lixo na sociedade

(Constantino Cardoso)

VI

AMOR Ê SABOR

Crêtcheu ca pensa na disilusão
Nôs dôs ca ta vivê sem cumpanher
Paixão ê um sentimento c' ses confusão e ses razão
Sem bò um ca tem posente nem parader

Pensa na mim nha crêtcheu
Q'bo tcha li ta morrê d'sodade
Cu anseadade d'tornacai f'liz na bôs bráce
C'amargura vida sem razão
Ca duvida nunca d'nha paixão
Amor ê um mistura d'tudo sabor

Anton bêm vivê felicidade
Na nha lóde crêtcheu
Amor ê um mistura d'tud sabor
El ta trasbordóbe coração
D'emoçao crêtcheu
Amor ê um mistura d'tud sabor

Amor ê um mistura d'tud sabor
Amor ê um mistura d'tud sabor

(Constantino Cardoso)

VII

TRADIÇON

Lvanta log ced

Pta midje na plon

Pa fazé cuscus

É nha janina

Já mansa farinha

Pa fase brinhola

Oia Duducha

Já pó midje na lume

Pa fase cachupa

É nhó Mninin

Já mata capod

Pa fase guisod manel antone

Oi, oi, oi

Tud es cosa é tradiçon

É falode fala

Pa sabura dum caboverdiano

Tem sãosilvestre tem Carnaval

Tem cola Sanjon na rbera d'Julio

É na dia dmingue pa rabolice

Tem cadêncã ma Mindelense

É pa recordação

Um bom piquique la na caiau

É pa spranja

Um bom cold d'peixe

La na salamansa

Oi, oi, oi, tude és cosa é tradiçon

Q'ta na coração dum caboverdiano

(Vaiss / Luís Lima)

VIII**NÓS AMIZADE**

Bouquet di flor

Ta faltal jeit p'ofereceb.

Anddá cu bô braçado

Ta fadjan compass

Má nem por isso

Ca parcen si na mund

Tem amor maior

Si nhas bêjin

É só na na hora di nós dós

É nhas carinho

Guardado só pa um momento

Má nem por isso

Ca parcen si na mund

Tem amor maior

Quem ca da valor

Nós amizade

Ca sabê

Qui amor di palco

É fingid

Ma qui ta contaé sentiment

Ma qui ta conta é quel di coração

(Adalberto Silva)

Anexo – 2

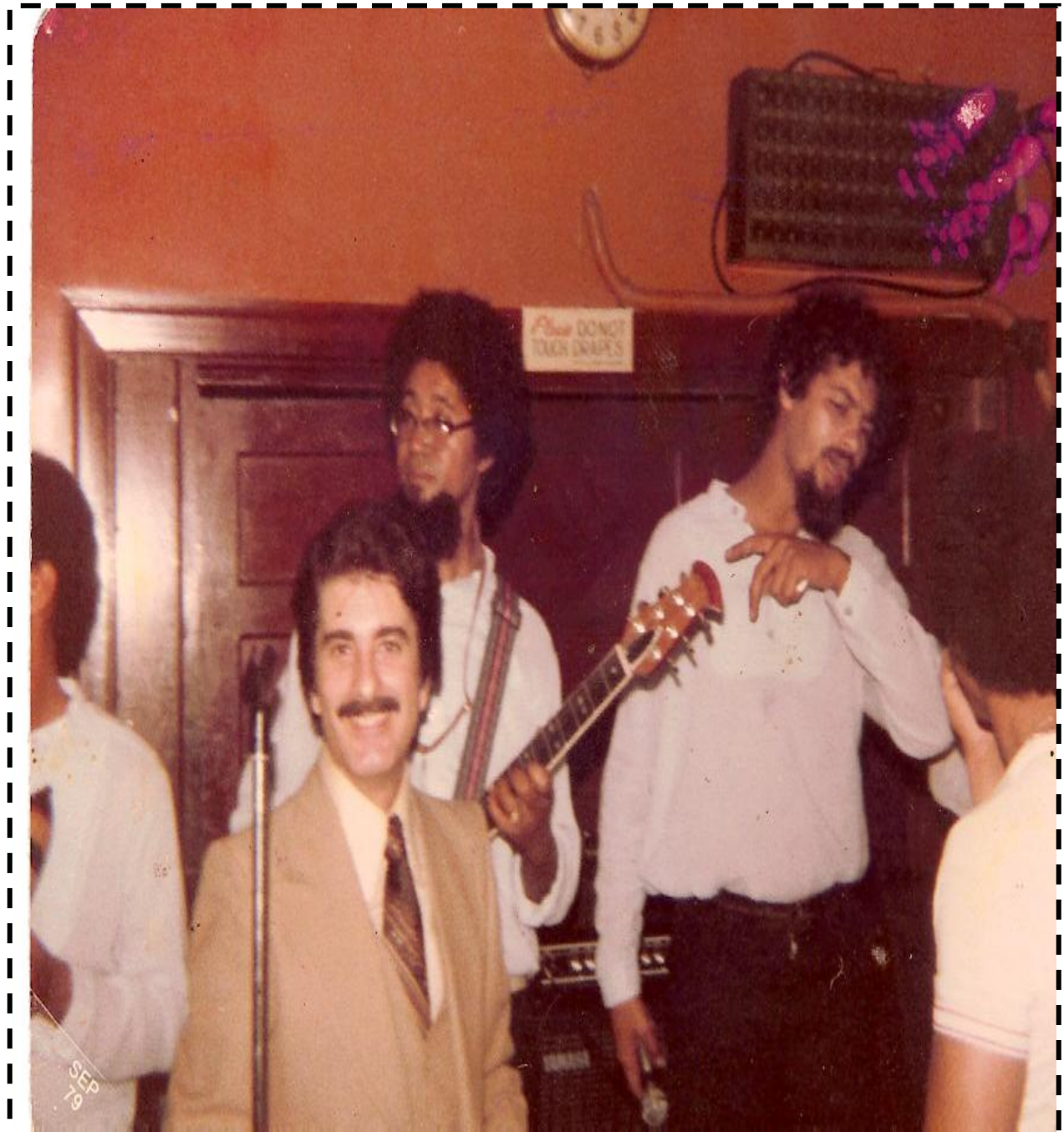
Fotografias do músico

















ILDOLDO.COM

ILDOLDO *uma vida dedicado aos caboverdianos*

